

ISBN 978-85-88892-08-8

A arte no Tribunal: uma homenagem aos autores

2ª Edição



CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS



TJPE

Recife, maio de 2021



P452a Pernambuco. Tribunal de Justiça. Centro de Estudos Judiciários.
A arte no Tribunal: uma homenagem aos autores / Tribunal de Justiça
de Pernambuco. Centro de Estudos Judiciários. 2.ed. – Recife: Tribunal de
Justiça de Pernambuco, 2020.

100p.: il.
ISBN 978-85-88892-08-8

1. Tribunal de Justiça de Pernambuco – História. 2. Palácio da Justiça –
Pernambuco – Patrimônio Artístico. 3. Artista Plástico - Biografia. I. Título.

CDD 341.4197





Tribunal de Justiça de Pernambuco

Biênio 2020-2022

Presidente

Des. Fernando Cerqueira Norberto dos Santos

1º Vice-Presidente

Des. Eurico de Barros Correia Filho

2º Vice-Presidente

Des. Cândido José da Fonte Saraiva de Moraes

Corregedor Geral da Justiça

Des. Luiz Carlos de Barros Figueiredo

Desembargadores do TJPE

Des. Jones Figueirêdo Alves

Des. José Fernandes de Lemos

Des. Bartolomeu Bueno de Freitas Moraes

Des. Jovaldo Nunes Gomes

Des. Fernando Eduardo de Miranda Ferreira

Des. Frederico Ricardo de Almeida Neves

Des. Leopoldo de Arruda Raposo

Des. Marco Antônio Cabral Maggi

Des. Adalberto de Oliveira Melo

Des. Fernando Cerqueira Norberto dos Santos

Des. Luiz Carlos de Barros Figueiredo

Des. Alberto Nogueira Virgínio

Des. Antônio Fernando Araújo Martins

Des. Ricardo de Oliveira Paes Barreto

Des. Cândido José da Fonte Saraiva de Moraes

Des. Antônio de Melo e Lima

Des. Francisco José dos Anjos Bandeira de Mello

Des. Antenor Cardoso Soares Júnior

Des. José Carlos Patriota Malta

Des. Alexandre Guedes Alcoforado Assunção

Des. Eurico de Barros Correia Filho

Des. Mauro Alencar de Barros

Des. Fausto de Castro Campos

Des. Francisco Manoel Tenório dos Santos

Des. Cláudio Jean Nogueira Virgínio

Des. Antônio Carlos Alves da Silva

Des. Francisco Eduardo Gonçalves Sertório Canto

Des. José Ivo de Paula Guimarães

Des. Josué Antônio Fonseca de Sena

Des. Agenor Ferreira de Lima Filho

Des. Itabira de Brito Filho

Des. Alfredo Sérgio Magalhães Jambo

Des. Roberto da Silva Maia

Des. Jorge Américo Pereira de Lira

Des. Erik de Sousa Dantas Simões

Des. Stênio José de Sousa Neiva Coêlho

Des. André Oliveira da Silva Guimarães

Des. Itamar Pereira da Silva Júnior

Des. Evandro Sérgio Netto de Magalhães Melo

Des. Daisy Maria de Andrade Costa Pereira

Des. Eudes dos Prazeres França

Des. Carlos Frederico Gonçalves de Moraes

Des. Fábio Eugênio Dantas de Oliveira Lima

Des. Márcio Fernando de Aguiar Silva

Des. Humberto Costa Vasconcelos Júnior

Des. Waldemir Tavares de Albuquerque Filho

Des. José Viana Ulisses Filho

Des. Sílvio Neves Baptista Filho

Des. Demócrito Ramos Reinaldo Filho

Des. Évio Marques da Silva

Des. Honório Gomes do Rego Filho

Des. Ruy Trezena Patu Júnior





Diretoria do CEJ

Biênio 2020-2022

Desembargador José Fernandes de Lemos

Diretor

Carlos Frederico Gonçalves de Moraes

Vice-Diretor

Alexandre Freire Pimentel

Coordenador de Projetos e Pesquisas

Eduardo Guilliod Maranhão

Coordenador de Desempenho e Eficiência Jurisdicional

Rafael Cavalcanti Lemos

Coordenador de Eventos Científicos e Culturais

Ana Cláudia Brandão de Barros Correia Ferraz

Coordenadora de Divulgação Científica e Cultural

Virgínia Gondim Dantas Rodrigues

Subcoordenadora de Divulgação Científica e Cultural

Sônia Stamford Magalhães Melo

Coordenadora de Desenvolvimento do Patrimônio Científico e Cultural

Fernanda Pessoa Chuahy de Paula

Subcoordenadora de Desenvolvimento do Patrimônio Científico e Cultural

Mariana Vargas Cunha de Oliveira Lima

Coordenadora de Gestão e Planejamento Estratégico

José Alberto de Barros Freitas Filho

Subcoordenador de Gestão e Planejamento Estratégico

Tiragem de 200 exemplares

Impresso pela Dna Digital Gráfica Eirelli

FICHA TÉCNICA

Centro de Estudos Judiciários - TJPE

Maria de Lourdes Rosa Soares Campos

Anita de Melo Barbosa

Anne Caroline de Queiroz Nunes de Souza

Eduardo Lira Lobo

Elisabete Cavalcanti Gil Rodrigues

Gerlany Lima da Silva

Maria Angela Diletieri Figueira

Assessoria de Cerimonial - TJPE

Silas da Costa e Silva

Sônia Maria Freitas Silva

Assessoria de Comunicação Social - TJPE

Assis Lima

Marcos Costa

Sumário

Apresentação da 2ª edição	8
Apresentação da 1ª edição	10
Introdução	12
Antão Bibiano Silva	24
Armando Romanelli	42
Daltro Neves	46
Francisco Brennand	50
Heinrich Moser	64
Marianne Peretti	70
Murillo La Greca	78
Ricardo Cavani Rosas	84
Salette Amaral	90
Sylvio Pinto	92
Tânia Carneiro Leão	96
Referências	100

Apresentação da 2ª edição

Na arte, o ser humano imprime sentimentos, história e cultura por expressar os valores estéticos do artista e de quem a aprecia. Com relação ao Palácio da Justiça, a beleza, a harmonia e o equilíbrio traduzidos no seu acervo artístico dizem muito sobre as pessoas que fizeram o Judiciário pernambucano, ao longo do tempo.

Este livro foi idealizado pelo então Presidente, Desembargador Leopoldo Raposo, em 2017, quando foi editada a 1ª edição, em reduzido número de exemplares. A princípio, seria feita uma homenagem ao escultor Bibiano Silva – autor de esculturas colocadas junto à cúpula e no interior do Palácio –, porém, após ouvidas as opiniões dos integrantes do CEJ, da Ascom e do Cerimonial do TJPE, a obra abrangeu toda a arte que se encontra catalogada no Tribunal de Justiça e exaltou os seus criadores.

O livro traz a história da criação do projeto arquitetônico e o contexto em que foi erigido o prédio do Palácio da Justiça, ilustrações do edifício e das obras de artes e perfis biográficos de seus respectivos autores, como Giacomo Palumbo, Heinrich Moser, Marianne Peretti, Tânia Carneiro Leão, Daltro Neves, Salete Amaral, Cavani Rosas, Sylvio Pinto, Armando Romanelli, Francisco Brennand, Murillo La Greca e Bibiano Silva.

A produção das fotos e sua bela disposição no livro, foram feitas pelos servidores da Ascom, coordenada por Francisco Shimada, naquele período. Os textos da introdução e perfis biográficos foram criados pelos servidores do CEJ, com base em pesquisas e entrevistas (muitas delas com o próprio artista, a exemplo das concedidas por Francisco Brennand, Marianne Peretti, Cavani e Tânia Amaral) realizadas pela equipe coordenada por Lourdinha Campos. Ressalta-se o trabalho de produção de textos realizado pela jornalista Paula Imperiano, à época, servidora do TJPE.

O Desembargador Fernando Cerqueira, atual Presidente do Tribunal de Justiça, em memorável apoio às realizações deste Centro de Estudos, reconhecendo o valor artístico e histórico representado nesta obra, incluiu entre os feitos de celebração dos duzentos anos desta Corte de Justiça a sua segunda edição atualizada.

Desembargador José Fernandes de Lemos



Apresentação da 1ª edição

O Palácio da Justiça de Pernambuco é, em si, uma grande obra de arte, assinada pelo artista e arquiteto Giacomo Palumbo. E, como um diamante que abrilhanta uma joia, as esculturas de Bibiano Silva coroam esta grandiosa preciosidade.

Os vitrais do alemão Heinrich Moser mostram a figura de Maurício de Nassau no Conselho de Justiça, tido como o primeiro colegiado de julgadores em segunda instância no Brasil. Curiosamente, o Palácio da Justiça ocupa o espaço em que funcionava o quartel general dos holandeses.

A leveza e transparência de Marianne Peretti, o colorido de Tânia Carneiro Leão, Daltro Neves, Salete Amaral, Cavani Rosas, Sylvio Pinto, Armando Romanelli, além das obras fortes, autorais e marcantes de Francisco Brennand embelezam os prédios do Judiciário pernambucano.

Aos que entram no Gabinete da Presidência deste Tribunal, é comum o envolvimento inconsciente com a arte de Murillo La Greca no quadro *Os últimos fanáticos de Canudos*, que traz sua versão da *Pietà*. Sim, piedade, sentimento inquietante na Justiça. Ele mostra a cena de Maria segurando o filho nos braços, mas trazendo-a para o cenário do Nordeste. Coloca-a no cotidiano com o qual tantas vezes nos deparamos nos nossos julgamentos: mães, filhos, a sede de justiça, a miséria e a falta de amparo que criam vítimas de ambos os lados.

Por si só, as obras nos transmitem sentimentos, humanidades, percepções e aproximações. Queremos ser um elo na corrente de fortalecimento da valorização dos nossos artistas, tradutores dos anseios dos diversos segmentos sociais. Muitas vezes é o poder público que pode alavancar esses reconhecimentos.

Agora é olhar e ver, muito além das palavras.

Desembargador Leopoldo Raposo

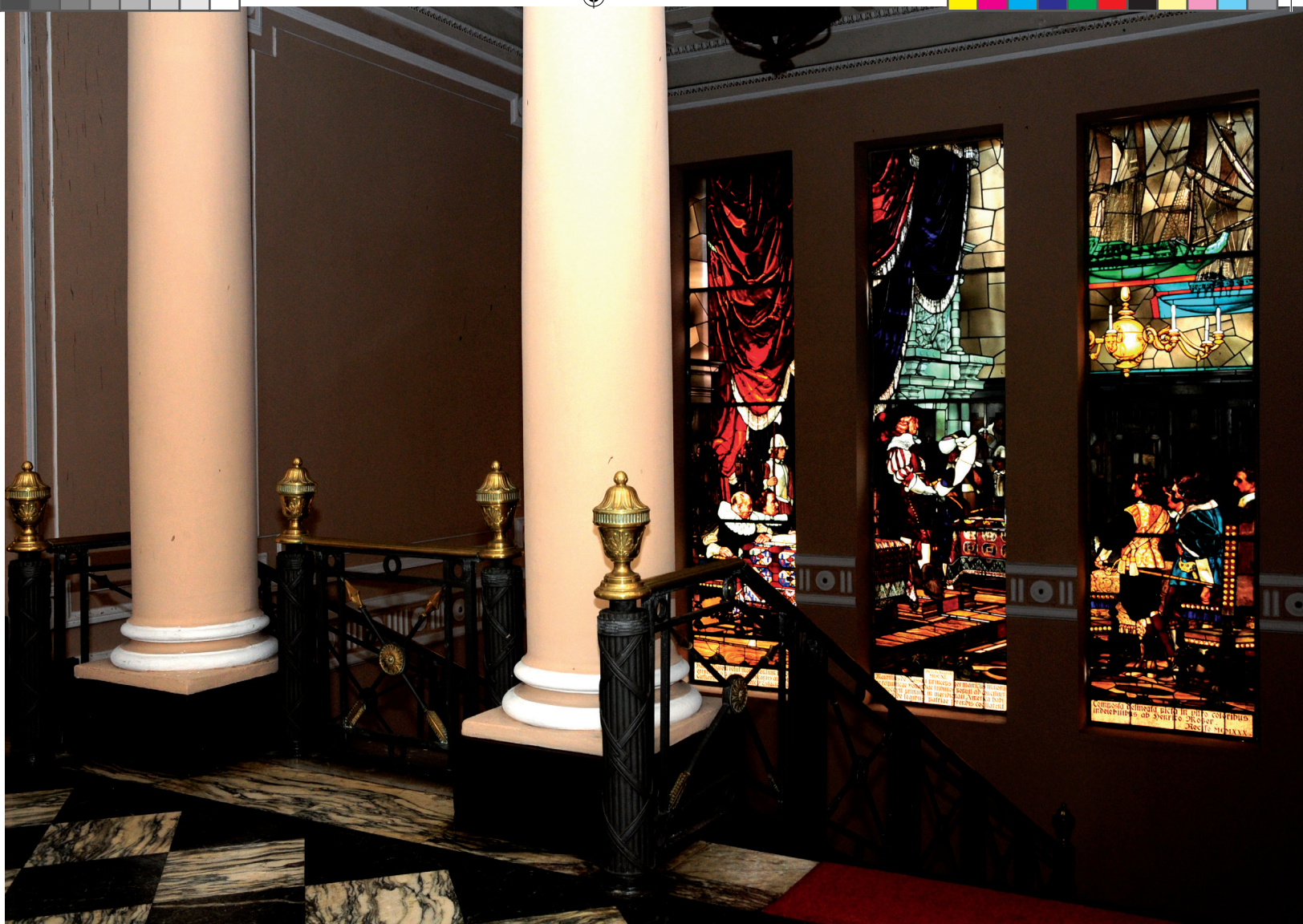


Introdução

O artista plástico e arquiteto Giacomino Palumbo, juntamente com o brasileiro Evaristo Sá, entre outros, são os responsáveis pelo magnífico projeto que resultou na sede do Poder Judiciário de Pernambuco, o Palácio da Justiça. O desenho arquitetônico é considerado um marco divisório entre a arquitetura eclética e a moderna em termos de prédios públicos no Recife.

A esse patrimônio, com o passar do tempo, foram agregadas obras de arte assinadas por nomes de peso do cenário artístico nacional e internacional. O livro *A arte no Tribunal: uma homenagem aos autores* propõe prestigiar esse universo artístico. Magistrados, profissionais do Direito, servidores da Justiça e cidadãos em geral transitam no dia a dia pelos prédios do Poder Judiciário, sem quase se darem conta da riqueza cultural da qual estão cercados.

A iniciativa deste trabalho, idealizado pelo então Presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco, Desembargador Leopoldo Raposo, abraçou o apelo da família do escultor Bibiano Silva. O pleito era de que o TJPE incentivasse a promoção da memória desse mestre escultor pernambucano, falecido há mais de cinquenta anos e, atualmente, pouco lembrado. Ainda são raras as referências impressas sobre ele em relação à magnitude de sua arte. Entre as suas maiores obras estão as que encimam o Palácio da Justiça de Pernambuco. Marcam, de



Escadaria principal do Palácio da Justiça

forma significativa, esse prédio, no centro administrativo público da capital pernambucana – a Praça da República, um dos principais cartões postais do Recife.

O TJPE percebeu a oportunidade de fazer uma justa homenagem a Bibiano Silva, como também, o ensejo de

render tributo aos artistas Armando Romanelli, Cavani Rosas, Daltro Neves, Francisco Brennand, Heinrich Moser, Maria Salete Amaral, Marianne Peretti, Murilo La Grecca, Sylvio Pinto e Tânia Carneiro Leão, cujas obras enriquecem o conjunto do patrimônio móvel e imóvel do



Poder Judiciário.

Alguns dos artistas, agora homenageados, tiveram suas obras registradas no livro editado por este Tribunal em 2011 e reeditado em 2017, *A Justiça de Pernambuco e seu palácio: inventário do acervo museológico dos bens móveis* – voltado para mostrar o acervo mobiliário e artístico do Palácio da Justiça.

O Palácio da Justiça de Pernambuco na história do Recife

A iniciativa do então governador Sérgio Loreto de construir o prédio do Palácio da Justiça veio numa época de grande ebulição da vida das maiores cidades brasileiras, entre as quais, o Recife. O Brasil contabilizava apenas três décadas da Proclamação da República e do fim da escravidão. As relações se adaptavam a uma nova estrutura de poder e trabalho.

O século 20 havia sido inaugurado no Recife como uma nova era: parecia haver a necessidade de rompimento, mesmo se brutal, com o antigo, para um renascimento. Em cena, a consolidação industrial e os cidadãos trocando zonas rurais pelas zonas urbanas – as cidades.

A administração pública se modernizava, com a necessidade crescente de fornecimento de serviços: energia, saneamento, calçamento. Surgiu no cenário

recifense, em 1912, o prédio da Faculdade de Direito do Recife, no Bairro da Boa Vista. Consolidava a importância do Direito no Brasil. Também neste ano, foi erguida a sede do Banco de Londres, no Bairro do Recife, prédio que depois passou a abrigar a Bolsa de Valores de Pernambuco e hoje acolhe a Caixa Cultural.

Na Europa, os automóveis passavam a compor a paisagem, pedindo a substituição de ruas estreitas por avenidas, para o trânsito. O modelo foi incorporado pelo resto do mundo, inclusive o Recife, onde se estima que o primeiro carro tenha chegado entre os anos de 1920 e 1930. Porém, mesmo ainda sem automóveis, a cidade se preparava para eles: em 1913, para a construção da Avenida Central (hoje, Avenida Rio Branco), no Bairro do Recife, foram derrubadas algumas das mais importantes obras do início da história da cidade.

Entre essas estruturas, a primeira igreja do Recife, a do Corpo Santo, com construção iniciada na época das viagens exploratórias dos portugueses ao Brasil, nos idos de 1500. Também os arcos da Conceição e de Santo Antônio, construídos em meados de 1600, entre outras edificações. No lugar dessas demolições surgiram belos prédios, como o da Associação Comercial de Pernambuco (1915). Era o desejo pelo novo, independente da crueldade das rupturas com o antigo.

As transformações estavam nas obras civis e na



Prédios onde estão localizadas as obras



Sede do Centro Integrado da Criança e do Adolescente (Cica)



Palácio da Justiça



Fórum Thomaz de Aquino Cyrillo Wanderley



Fórum Desembargador Rodolfo Aureliano



Sala do Tribunal Pleno

evolução da sociedade. A *Belle Époque*, tempo da beleza e da paz entre países europeus, havia sido rompida com a Primeira Grande Guerra Mundial (1914/1918). O dinheiro mudava de mãos. Em contraposição à escravidão do século

anterior e diante da necessidade de trabalho braçal pela classe média, surgiam regras trabalhistas internacionais. Em 1919, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou como um dos seus braços a Organização Internacional do

Trabalho (OIT).

No Recife, em 1921, foi erguido o Gabinete Português de Leitura, no Bairro de Santo Antônio. No âmbito nacional, a Semana de Arte Moderna de 1922 quebrou antigos valores nas artes plásticas, Arquitetura, Literatura e Música, entre outros segmentos de extrema influência no comportamento social.

Nessa época, o juiz federal pernambucano Sérgio Loreto foi escolhido como nome de acordo entre dois grupos políticos rivais para governar Pernambuco entre os anos de 1922 e 1926. Sem oposição, conseguiu promover ações que se refletiam no desenvolvimento do Estado.

Pernambuco virou um canteiro de obras: estradas interligando municípios do interior e ruas estruturando a capital. O Porto do Recife recebia dragagem para a atracação de navios maiores. A iniciativa visava trazer mais velocidade ao escoamento da indústria do açúcar e têxtil – líderes em produção na época. O Recife ganhou, além de ruas, duas pontes para automóveis – a da Torre e a do Pina – para a interligação dos bairros da cidade, fazendo-a parecer maior, mostrando-se por inteira.

Passou a ser possível ir, num carro, de um canto ao outro do município, deixando para trás os antigos caminhos fluviais, até então indispensáveis, inclusive para o transporte de cargas da indústria. Outra realidade. Foi nesse contexto de transformações da cidade e do Estado

que surgiu o Palácio da Justiça de Pernambuco.

O lugar do Palácio

O governador Sergio Loreto mostrava-se inconformado em ver a justiça estadual, ainda à sombra do centenário de sua criação (1821), instalada precariamente num prédio (já não mais existente) sem estrutura. Ficava entre o que é, hoje, o Arquivo Público de Pernambuco e a Secretaria da Fazenda. Queria ele dar ao Judiciário pernambucano o tratamento compatível com seu papel social. Decidiu, então, por fazer a sede deste Poder – que ainda não tinha orçamento próprio e dependia do Estado.

Escolheu o terreno: frente a frente com o Palácio do Campo das Princesas (1841), sede do Governo do Estado, ao lado do Teatro de Santa Isabel (1850) e do Liceu de Artes e Ofícios (1880), compondo a Praça da República. A lateral da área escolhida tinha como vizinha a Igreja de Santo Antônio da Ordem de São Francisco (1606), hoje, a mais antiga do Recife.

O terreno escolhido havia sido parte do Forte do Ernesto, quartel-general da Nova Holanda. Na época da Invasão Holandesa, em frente a esse Forte havia o Palácio de Friburgo – onde morou e despachou Maurício de Nassau – demolido por volta de 1770, dando lugar ao prédio do Erário Régio, derrubado para a edificação do



Palácio do Governo, inaugurado em 1841.

No espaço onde hoje está o Palácio da Justiça, estava estruturado, naquela segunda década do século 20, o Quartel da Força Pública. Dessa forma, para o uso da área foi necessária a criação de nova sede para a corporação: o governador escolheu as instalações do antigo Mercado Modelo Coelho Cintra, junto ao campo de turfe do Derby Club, hoje, Praça do Derby.

Assim, a construção do Palácio da Justiça fez surgir o Quartel do Derby – inaugurado ainda em 1924 com o nome oficial de Quartel da Força Pública. E disso, a cidade ganhou ainda outro equipamento urbano: a Praça do Derby (1925), ocupando o campo de turfe do Derby Club.

A construção da sede da Justiça Estadual foi uma obra integrada a outras. Naquele espaço urbano, Sergio Loreto finalizava reformas do Palácio do Governo, da Praça da República e da Ponte Buarque de Macedo. Esta ligava a sede do poder executivo estadual à Avenida Rio Branco, que havia se tornado coração financeiro da capital, com bancos e escritórios.

O governador mostrava-se especialmente interessado no desenho daquela região, como ex-aluno do Liceu de Artes e Ofício e professor de Aritmética –

um dos pilares das chamadas Artes Liberais, junto com a geometria e a música.

O Palácio da Justiça ficaria ligado, pela Praça da República, ao Palácio do Campo das Princesas, que, por sua vez, se ligava através da Ponte Santa Isabel, ao Palácio de Joaquim Nabuco (1875), sede do Poder Legislativo. Com o Palácio da Justiça na Praça da República, os três poderes ficariam representados em condições de igualdade – e vizinhos. Aquela área, então, passaria a representar, de fato, a República em Pernambuco, em seus três pilares e com igualdade de estruturas físicas.

A região da Praça da República, aliás, parecia ter propensão a ser o epicentro do Recife. Além das estruturas citadas, estavam no seu entorno as sedes dos jornais do Recife e, na Rua do Imperador, uma das laterais do Palácio, cafés e restaurantes onde se reuniam advogados, jornalistas e intelectuais da cidade. Entre os mais frequentados, os cafés Lafayette e Continental, a Leiteria Imperador e a Pastelaria Camargo. Do outro lado da Ponte Santa Isabel estava o Ginásio Pernambucano (1866). Mais adiante, no Bairro da Boa Vista, vinha sendo finalizada a construção da sede da Escola Normal de Pernambuco, para ensino médio (em 1963 o edifício passou a sediar a Câmara de Vereadores do Recife).



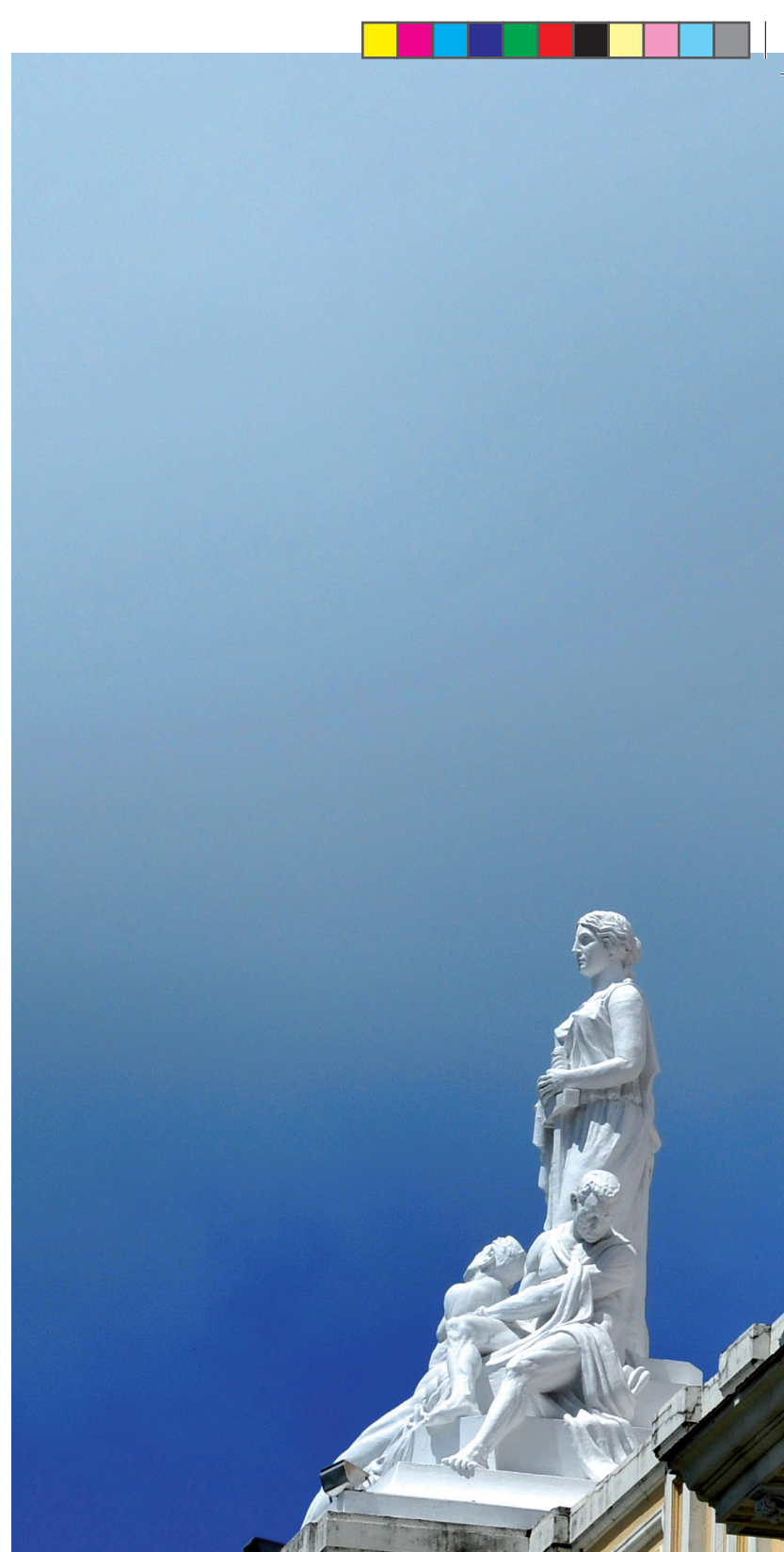
A edificação do Palácio da Justiça

A obra do Poder Judiciário recebeu atenção especial do Estado. Era o legado do governador Sérgio Loreto ao Judiciário, meio que mereceu dele a dedicação de uma vida. Queria um projeto arquitetônico sintonizado com os maiores equipamentos públicos da cidade, dos quais falamos.

Há algum tempo essa construção vinha sendo pensada. Em 1917, o arquiteto carioca Heitor Mello apresentou ao Governo do Estado o que seria o primeiro projeto para a edificação da sede da Justiça Estadual. Depois disso, o arquiteto grego Giácomo Palumbo ofereceu outro, em estilo Luiz XVI.

Houve ainda o terceiro projeto, do alemão Heinrich Moser. O quarto, novamente de Palumbo, agora em estilo eclético, foi o executado. A fachada teve parceria do carioca Evaristo de Sá. Encontramos Evaristo Juliano de Sá também como parceiro de Lúcio Costa (um dos arquitetos de Brasília) no primeiro projeto dele. Trata-se da casa do artista plástico e professor da Escola Nacional de Belas Artes, Rodolpho Chambelland, no Rio de Janeiro, construída em 1922.

A pedra fundamental do Palácio da Justiça foi lançada em 2 de julho de 1924, dentro das comemorações do centenário da Confederação do Equador. Ao fim do governo Sérgio Loreto, as obras








Salão Nobre do Palácio da Justiça

foram paradas por questões financeiras, só sendo retomadas dois anos depois com algumas alterações do projeto original, feitas pelo próprio Palumbo. Sua cúpula é a mais alta do Brasil, com 45 metros, altura equivalente a um prédio de quinze andares.

Em maio de 1930, o prédio foi brindado com o voo do Zepelim sobre ele. Este voo inaugurou a primeira linha comercial aérea de passageiros na travessia do Atlântico, vindo da Europa para a América Latina – tendo o Recife como primeira escala.



O Palácio da Justiça foi inaugurado em 7 de setembro de 1930 – aniversário da Independência do Brasil, no governo Estácio Coimbra. Uma inauguração às pressas, ainda com o prédio inacabado, sem pintura externa, com uma área de 2.506 metros quadrados, distribuídos em cinco pavimentos.

O Brasil vivia um momento político tumultuado. Em 3 de outubro, Getúlio Vargas assumiu a Presidência da República no golpe que culminou na chamada Revolução de 1930, apoiada pelo Movimento Tenentista. Cinco dias depois, o governador Estácio Coimbra foi deposto – um mês após inaugurar o Palácio da Justiça.

Compondo com a cúpula, como principais ornamentos externos, dois grupos de esculturas, assinadas por Bibiano Silva: *A Justiça e o homem* e *A Justiça e a família*, ambas executadas sob orientação do escultor francês Albert Freyhoffer.

Para ornamentos construtivos, os trabalhos ficaram sob a responsabilidade da Companhia Bitenfield, do Rio de Janeiro. Entre os ambientes mais suntuosos estava o que se denominou de Sala de Casar – onde eram realizados casamentos civis – hoje o Salão Nobre.

Também a escadaria, o hall, o Salão do Júri, a Sala de Conferências e o Superior Tribunal estavam em sintonia com o estilo eclético adotado. Nessas áreas internas, estruturas de alvenaria receberam acabamentos

em madeira. Dessa forma, capitéis, molduras de esquadrias, rodapés e adereços de paredes foram obras cuidadosamente talhadas em madeiramentos nobres.

Apesar de ter sido inaugurado em 1930, só ao longo da administração do interventor Carlos de Lima Cavalcanti (1930/1937) o mobiliário atual terminou de chegar aos seus salões. As peças foram desenhadas pelo arquiteto Maurice Nozières e executadas pelas Casas Leandro Martins e Carlos Laubisch & Hirth, do Rio de Janeiro.

São cadeiras, mesas, armários e estantes em imbuia, peroba do campo e jacarandá. Na Sala dos Desembargadores, o entalhe das cadeiras faz homenagem ao primeiro nome do Tribunal de Justiça de Pernambuco, exibindo as iniciais “TR” – Tribunal da Relação. Algumas peças no Salão Nobre são folheadas a ouro. Esse espaço é precedido por hall com piso em pedras naturais fazendo o xadrez preto e branco, o mesmo do Salão dos Passos Perdidos, entrada principal do Palácio.

Compondo com o mobiliário e acabamentos em madeira, no Salão dos Passos Perdidos, bustos assinados por Bibiano Silva. Foram retratados Francisco de Paula Baptista, pernambucano tido como o mais importante nome do Direito Processual no Brasil nos idos de 1900, e Gervásio Pires, primeiro presidente do Superior Tribunal de Justiça – hoje, Tribunal de Justiça de Pernambuco.



Além dessas peças, já na inauguração, a edificação era realçada pela iluminação natural através dos vitrais de Heinrich Moser. Ainda na iluminação, lustres em cristais Baccarat, tocheiros e arandelas, realçando a imponência do projeto arquitetônico.

O prédio permaneceu com a marca da pressa de sua inauguração por 67 anos – com a cor cinza da massa de reboco. De acordo com o arquiteto José Luiz Mota Menezes, que participou da equipe de recuperação do palácio em 1997, só nesse ano ele foi pintado em tons de ocre. A cor recebida foi a mesma de outros equipamentos urbanos das redondezas, como o Palácio do Governo e a Faculdade de Direito. Os trabalhos ficaram sob a supervisão da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe).

Na mesma época houve a recuperação dos vitrais de Heinrich Moser, também sob os devidos cuidados técnicos. O prédio integra o rol de imóveis protegidos pela Fundarpe.

Em 2004, o prédio inaugurou reformas que, entre outros detalhes, estruturou um andar intermediário entre o terceiro e o quarto pavimento. A cúpula, no quinto andar, foi adaptada para abrigar a Presidência, que antes ficava no terceiro andar, junto com os gabinetes dos desembargadores.



Giácomo Palumbo

Nascido na Grécia em 1891, Giácomo Palumbo formou-se na Escola de Belas Artes de Paris. Era filho do italiano Gabriel Palumbo, integrante da equipe construtora do Canal de Suez¹. Em 1918, aos 27 anos, influenciado por colegas de profissão, foi para o Rio de Janeiro, onde, em 1920, casou-se com a carioca Heloísa de Pádua², com quem teve uma única filha, Yvette Palumbo.

De acordo com o professor José Luiz Mota Menezes, durante a construção do Palácio da Justiça, ele alugou para suas estadas no Recife a casa de número 80 na Rua Camboa do Carmo, no Bairro de São José. Segundo o professor, era frequente no Brasil a demanda por profissionais italianos, como arquitetos e estucadores – que faziam ornatos (adereços que serviam como acabamento para tetos e colunas, entre outros itens). O Recife era uma das maiores praças desse mercado da construção, ao lado do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belo Horizonte.

Arquiteto, artista plástico e engenheiro, além de assinar o projeto do Palácio da Justiça, Giácomo Palumbo ficou responsável também, no Recife, pela reforma do extinto Grande Hotel Internacional. O prédio foi adaptado para receber a Faculdade de Medicina do Recife, inaugurada em 1927 e, hoje, sede do Memorial da Medicina.

Palumbo fez, ainda no Recife, o projeto do Hospital Centenário, na Avenida Rosa e Silva, e o da reforma da Ponte Duarte Coelho – que liga os bairros recifenses de Santo Antônio e Boa Vista – obra não executada.

São dele pelo menos dois projetos residenciais ainda existentes no Recife. Um é a casa de Othon Bezerra de Melo, na Avenida Rui Barbosa. O outro é o casarão que serve como salão de festas do Edifício Costa Azevedo, na esquina da Avenida Rosa Silva com a Rua Amélia, construído como residência do empresário Antônio Costa de Azevedo. Ambos, assim como o Palácio da Justiça, contam com vitrais de Heinrich Moser.

Atuou também em João Pessoa e Natal – onde pôs em prática o que ficou conhecido como “Plano Palumbo” – traçado urbano da capital potiguar, como cidade planejada. Projetou ainda a sede do Porto de Natal, inaugurada em 1932. Faleceu no Rio de Janeiro em 1966.

1 FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Personalidade histórica: Giácomo Palumbo. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC00000000108424.PDF>. Acesso em: 20 dez. 2017.

2 MENEZES, José Luiz Mota; REINAUX, Marcílio. O Palácio da Justiça. Recife: Linceu, 1997.

Apesar de pouco citado nas últimas décadas, não se pode falar de artes em Pernambuco sem se fazer referência a Antão Bibiano Silva – cujo cinquentenário da morte ocorreu em janeiro de 2019. Nesta obra, o Tribunal de Justiça de Pernambuco registra o reconhecimento ao seu legado e presta uma merecida homenagem a esse grande artista pernambucano, autor das grandiosas esculturas que encimam o Palácio da Justiça de Pernambuco. Bibiano foi uma das figuras que mais colaborou para a construção do ensino superior de arte no Estado, sua vida se confunde com esse capítulo da Educação no Recife.

Ele integrou o restrito grupo dos idealizadores e fundadores da Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932), da qual se tornou o primeiro diretor. Depois de reconhecida como entidade de ensino de nível superior (1945), a Escola acabou sendo decisiva para a formação da rede de faculdades que deu origem ao que é, hoje, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A herança deixada por ele – na arte e no ensino – é inversamente proporcional à precariedade de sua vida na infância humilde e completamente desprovida de amparos educacionais. Aquele menino pobre e aparentemente alheio venceu cada desafio e se tornou um dos escultores mais requisitados de sua época no Recife. Usou o reconhecimento social para tornar a arte em Pernambuco mais sólida e preparada.

A história da vida do artista começa em 1888, ano da abolição da escravidão no Brasil. O comerciante português José Francisco da Silva se encontrava em Vitória de Santo



Esculturas A justiça e a família

Antão e caçou a laço uma mocinha nativa – o que, na região rural, não vinha a ser algo tão incomum na época. Ela era da nação indígena Paraguaçu – por isso ele passou a chamá-la Josefa Paraguaçu. Meses depois, no dia 8 de março de 1889, nasceu Antão Bibiano Silva e, em seguida, o irmão dele, José.

Quando o português sumiu para sempre, sem deixar rastros, Josefa, muito jovem, falando apenas o idioma tupi, passou a criar, sozinha, seus dois filhos, vendendo sal na feira da cidade e prestando serviços domésticos. Até o fim da vida, não conseguiu falar bem o idioma português. Bibiano, sem brinquedos, divertia-se criando formas com



barro – que a mãe destruía por vê-las como resultados de um estado de distração permanente do menino. Depois, ele passou a usar também a madeira nas suas criações.

Aos oito anos, Bibiano pediu ao irmão para servir-lhe de modelo e fez um Cristo Crucificado que encantou o padre da cidade. Continuou esculpindo e impressionando. Em 1906, aos 17 anos, graças ao apoio de contribuições coletadas por esse padre e com a ajuda do tabelião local, Leobardo Carvalho, passou a residir no Recife para estudar no Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco, possivelmente abrigado em um convento.

A escola, de nível médio, ensinava ofícios de Desenho, Aritmética e Arquitetura – voltando atenções para formação de artífices para a indústria. O talento e a dedicação de Bibiano fizeram com que um dos seus trabalhos fosse selecionado, em 1908, para exposição no disputado Salão Nacional de Belas Artes, promovido pela Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, então Capital Federal. Ganhou medalha de prata.

Em 1909, aos vinte anos, passou a cursar a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, uma instituição fundada por Dom João VI, em 1816, como Escola Real de Ciências, Arte e Ofícios, com status de nível superior. Ali, Bibiano elegeu o professor Rodolfo Bernardelli como referência quanto aos rumos de sua carreira. Buscou trilhar os mesmos caminhos do artista mexicano nos estudos, magistério e na produção artística de obras tumulares, monumentos comemorativos e bustos de personalidades.

Em 1912, aos 23 anos, selecionado pela segunda vez para o Salão de Belas Artes, Bibiano Silva apresentou a

obra *Liberto*, um escravo sem amarras. Impressionou pelo conhecimento técnico de proporcionalidade e grande domínio da habilidade de esculpir. Se na música erudita existe o chamado *virtuosi* – figura de uma habilidade fora do comum no domínio de um instrumento e no conhecimento técnico –, Bibiano era um *virtuosi* na escultura.

Apesar da concorrência nacional, a seleção de seus trabalhos para o Salão de Belas Artes parecia ter virado rotina em sua vida: novamente foi selecionado para a edição de 1913, sua terceira participação, aos 24 anos – e obteve a menção honrosa.

Nessa época, configurava-se no cenário nacional o movimento modernista, mas Bibiano Silva não tinha arroubos de uma criação autoral: era apaixonado pela beleza das formas humanas e teorias de proporcionalidades. Isso o fez tornar-se um grande admirador de Michelangelo, que sintetizou influências da antiguidade clássica e foi, para sempre, sua grande inspiração artística.

Para aquele Salão de Artes, ele criou o *Philotetes*. Conseguiu sugerir um paralelo entre ele e esse personagem da mitologia grega, herói na guerra contra Troia, cuja história conduz à reflexão sobre o gerenciamento do sofrimento. Como característica física da figura retratada, uma chaga no pé: semelhante à que Bibiano carregou por toda a vida, na perna, originada por um acidente de bonde.

Cativou a crítica especializada. Em edição de 11 de setembro daquele ano, artigo na página 5 do jornal *Correio da manhã*, dizia, a respeito de Bibiano:





Viram todos, no ano passado, aquela figura máscula, toda nervos e músculos de *Liberto*, com o rosto erguido num gesto de desafio, quebradas as cadeias que o cingiam. O símbolo, por uns achado acima das forças do autor, e por outros taxado obra de gênio, e por todos elogiado, com pequeníssimas restrições, teve a sua significação decifrada agora.

Bibiano é um torturado que se recrutava ali em *Liberto*, quebrando as cadeias que o vinham acorrentado. E ainda mais oprimido pela injustiça da suspeita terrível, Bibiano tomou a ombros a ingente empreitada de muito mais fazer, sozinho, recluso num vão escuro, e estudou, frequentou os hospitais, leu Sófocles, Lessing, na ânsia de vencer na cruzada de honra.

E saiu *Philotetes* da retorta predestinada. O que é a obra do moço todos têm visto ali naquele recanto do salão. É um cidadão, vivendo das glórias e lutas da sua pátria, abandonado em região deserta, tendo a punji-lo a dor cruenta de uma chaga incurável no pé. É uma vítima do mais terrível dos sofrimentos, perene, ininterrupto, cruel que ali se estorce em atitude que só por si tiraria o sono a escultores já consagrados.

Mas, Bibiano, venceu também na outra feição da sua obra e o observador diante de *Philotetes* mede-lhe nas cristações dos músculos, na expressão dolorida, na contorção que todo



Busto Gervásio Pires

o envolve e que se faz toda a sua razão de existir, o máximo sofredor da mais cruel das dores imaginadas.

Que o visitador pare diante do trabalho de Bibiano, estude-o, sintá-o, e certo, como nós, se convencerá de que ele o é de um grande espírito, de um talento de escol, revelado com precocidade, que o torna ainda mais admirável. Os júris das diferentes seções reuniram-se ontem, resolvendo acerca de todos os prêmios, devendo, porém, ser oportunamente sujeitos à aprovação do Conselho Superior.¹

¹ O SALÃO DE 1913 - São seis candidatos à medalha de prata. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.5, 11 set. 1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_02&pasta=ano 191&pesq=>. Acesso em: 3 jan. 2018.



Busto Paula Baptista

No Rio de Janeiro, Bibiano fez o de sempre: trabalhou e construiu amizades. Uma delas foi Humberto Cavina, dono da fundição que passou a usar posteriormente para fundir trabalhos em bronze. Era um dos seus colegas no Salão de Arte de 1913, ganhador da medalha de prata.

As premiações repercutiam em Pernambuco e despertaram o interesse do público pelas obras do artista. Em 1916, ele esculpiu dois bustos de *Emídio Dantas Barreto*, que acabava de deixar o Governo do Estado. Uma das obras se encontra no início da avenida que leva o nome do ex-governador e outra no Parque 13 de Maio, ambos endereços no Recife.

Em 1917, ano do Centenário da Revolução Pernambucana de 1817, ele foi escolhido para esculpir o busto de *José de Barros Lima*, o “Leão Coroado”. O busto foi apostado no Pátio da Estação Central de Vitória de Santo Antão, sua cidade natal – de onde o artista saiu muito pobre e voltou já famoso. O personagem do “Leão Coroado” tornou-se lendário por ter reagido à bala ante voz de prisão, episódio que fez eclodir o movimento revolucionário. Mas acabou condenado à morte por enforcamento e teve mãos e cabeça cortadas, expostas em poste na cidade de Olinda. O resto do seu corpo foi amarrado a um cavalo e arrastado até o cemitério. Mas Bibiano o retratou altivo, mostrando-o como um forte herói grego, independente do sofrimento, como o fez em *Philotetes*.

Diante das demandas, aos 28 anos, Bibiano iniciava nova temporada de moradia no Recife e casou-se com

Lídia Francisca, que conheceu numa procissão. Ela tornou-se inspiração para criações dele, apaixonado pela beleza, vivia a olhar traços de todos e não se furtava a elogiar as pessoas que lhes chamavam a atenção, independente de conhecê-las. Bibiano e Lídia fixaram endereço na casa de número 130 da Rua do Lima, Bairro de Santo Amaro, onde nasceu Lectícia Aureliano, filha única do casal.

Em 1920, ele fez o busto do pintor *Telles Júnior*, hoje apostado na Praça do Segundo Jardim de Boa Viagem.

O ano de 1922 foi de muita ebulição na área das Artes no Brasil, com a Semana de Arte Moderna fazendo explodir o movimento modernista que vinha ganhando corpo. O Brasil comemorava 100 anos de Independência. Bibiano foi um dos participantes da Exposição Internacional Centenário da Independência do Brasil, promovida pelo Governo Federal. É considerada até hoje a maior exposição de arte já realizada no Brasil, com três milhões de visitantes. Premiado, ele recebeu um valor em dinheiro que investiu em um ano de estada no Rio de Janeiro.

Ao regressar ao Recife no ano seguinte, viveu o período mais glamoroso de sua vida. Extremamente requisitado, abriu ateliê próximo ao Teatro do Parque, na Rua do Hospício, número 71, onde também passou a morar. Fez algo diferente e que lhe dava destaque naquela que era a região mais sofisticada do Recife: trabalhava em cômodo resguardado da rua por uma porta de vidro, como numa vitrine, onde transeuntes podiam vê-lo. Usava sua própria figura, seus movimentos e suas esculturas para promover-se junto ao público.



Busto Gervásio Pires



Museu Virtual Bibiano Silva

Fotografia do artista Antão Bibiano Silva

Deu muito certo: diante das belezas que mostrava, os pedidos não paravam de chegar e ele precisou ampliar o ateliê, contratando funcionários para ajudá-lo e acolhendo aprendizes. Esculpia também em granito e mármore, chegando sua oficina a contabilizar mais de setenta máquinas. O magistério tornou-se a segunda paixão profissional do escultor.

Bibiano era o nome mais lembrando para esculturas tumulares que, aos poucos, foram transformando o Cemitério de Santo Amaro, fundado em 1851, numa grande galeria de arte a céu aberto, com dezenas de obras de sua autoria. Ele seguia firme os passos do mestre mexicano Bernardelli.

Quem entrava no escritório do seu ateliê deparava-se com muita sofisticação: cortinas de veludo vermelho e música erudita ecoando dos vinis minuciosamente catalogados. Para descontrair, ele sacava seu violino, dando um toque final àquela atmosfera de *Belle Époque* na qual escolheu viver para sempre. Com o tempo, o violino foi deixado de lado: comprometia a sensibilidade das pontas de seus dedos, prioritariamente dedicados à arte da escultura.

Charmoso, com cabelos fartos, lisos e escuros, pele morena jambo, traços herdados da mãe paraguaçu, Bibiano tinha uma alma liberta, sem limites para desfrutar dos prazeres da vida. Permitiu-se inclusive momentos de encantos por algumas beldades que lhe serviram como modelos vivos, desfrutados nos cenários da boemia recifense e carioca.

Essa foi uma questão com a qual sua esposa optou por conviver pacificamente, dando preferência a ignorar informações que lhe chegavam. A irmandade entre os dois era inquebrável. Até porque, nas horas que ele passava em casa, a forma como tratava familiares, sempre atencioso e afetuoso, compensava, para seus entes, o tempo em que vivia suas outras facetas – como profissional e boêmio.

Pela manhã, levava um longo tempo a eleger o terno que usaria, entre sempre três opções postadas em cima da cama pela esposa. Enquanto decidia, ouvia Beethoven, dançava sozinho e tomava uísque. As horas do relógio eram para ele apenas um detalhe que não interferia quanto a fazer ou não o que tinha vontade.

Depois do terno, vinha a escolha da gravata, do colarinho suposto, das abotoaduras... Ele era elegante, gostava de comprar pessoalmente os tecidos a serem levados para o alfaiate. Fazia assim também com os vestidos de Lídia – geralmente em sedas, adquiridas a comerciantes turcos, em domicílio. A estética estava em tudo.

Numa época em que a cozinha era um ambiente da casa associado às mulheres, ele chegava nas madrugadas carregado de iguarias, punha-se à beira do fogão, preparando receitas elaboradas. Costumava, quando os pratos saíam do forno, acordar todos em casa para o jantar – que poderia ser chamado de café da manhã, pelo adiantado da hora.

A cada venda que fazia, comprava o que queria saborear naquele momento: indo de acepipes importados a noites de boemia. Pensava quase que tão somente no presente – o que levou a família a vivenciar diferentes momentos em termos de estabilidade financeira.

No caminhar da década de 1920, passada a Primeira Guerra Mundial, o momento era de ruptura com o que estava estabelecido até então: o mundo se reinventava. A discussão de padrões estabelecidos atingia, em cheio,



Esculturas A justiça e o homem

a arte – mais remota forma de comunicação. Depois da Semana de Arte Moderna em 1922, o movimento modernista tomava conta do ambiente.

No Brasil, o novo surgia na música de Heitor Villa-Lobos, reunindo o erudito e o popular. Na literatura, até então ininteligível aos menos letrados, aparecia Carlos Drummond de Andrade, com seus versos curtos, simples e na linguagem das ruas: “No meio do caminho tinha uma pedra...”

Embora permanecesse fiel ao estilo clássico, Bibiano entrosou-se nas discussões acerca da arte. Em pauta, a arte acima do ofício mecânico: como profissão que exigia formação acadêmica – o que, se não era uma novidade no Rio de Janeiro, era no Recife. Como ex-aluno da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em nível superior, ele sabia o que a orientação acadêmica significava para lapidar dotes. Assim, entendeu que surgia



uma área a mais para os profissionais da arte – e, diante do crescente número de aprendizes em seu ateliê, já estava arrebatado pelo magistério.

Em 1923, aos 34 anos, Bibiano Silva participou de mais um Salão de Belas Artes no Rio de Janeiro. Expôs o original em gesso patinado do Monumento Comemorativo ao Centenário, feito para o Estado do Rio Grande do Norte.

Veio o ano de 1924 e o governador de Pernambuco, Sérgio Loreto, decidiu construir a sede da Justiça Estadual. O projeto aprovado foi assinado pelo grego Giácomo Palumbo, ex-aluno da Escola Nacional de Belas Artes de Paris, que tinha grande intercâmbio com a Escola Nacional de Belas Artes – formadora de Bibiano. O arquiteto, que passou a morar no Rio de Janeiro em 1918, era contemporâneo do escultor pernambucano, com quem participava dos debates sobre as artes que animavam os cafés cariocas.

Esse entrosamento refletiu no projeto do Palácio: aos traços da arquitetura eclética da fachada se juntou o classicismo do escultor pernambucano mais premiado nacionalmente naquele momento. Um *gran finale*, coroando a beleza da obra arquitetônica.

Bibiano concebeu para o prédio o conjunto *Justiça e lei*, composto por dois grandes grupos de esculturas – *A justiça e o homem* e *A justiça e a família*. Ambas grandiosas, cada uma com três metros de altura por quase três de largura – para serem vistas à distância. Marcam a base do que é a cúpula mais alta do País até os dias de hoje – terminada a 45 metros do chão, altura equivalente a um prédio de quinze andares.

Além dos dois grupos de esculturas externas, Bibiano Silva criou, também para o Palácio da Justiça, bustos de *Francisco de Paula Baptista* e *Gervásio Pires*, apostos no Salão dos Passos Perdidos, principal entrada da edificação.

A obra adquirida pelo Governo do Estado para o Poder Judiciário pareceu cair-lhe como um lastro decisivo para sua arte. No ano seguinte, além de esculturas tumulares, produziu um conjunto de bustos para a Faculdade de Direito do Recife, que homenagearam personagens importantes do Direito.

Foram retratados *José Feliciano Pinheiro*, o Visconde de São Leopoldo – idealizador das faculdades de Direito de São Paulo e Olinda, as primeiras do Brasil – e os juristas *Aprígio Magalhães*, *Tobias Barreto* e *Francisco de Paula Baptista*.

A ponte aérea Recife-Rio de Janeiro-Recife era uma constante na vida do escultor. Em alguns momentos era usada para acompanhar trabalhos que estavam sendo finalizados na Fundação Cavina; em outros, para a troca temporária de endereço. Ainda em 1925, ele novamente estava nessa ponte, mais uma vez selecionado para o Salão Nacional de Belas Artes, ganhou medalha de bronze com a obra *Retrato*. Voltou a ser citado pela crítica como destaque entre os escultores.

Enquanto isso, ele trabalhava nas esculturas do Palácio da Justiça. O projeto do edifício reuniu amigos, como o alemão Heinrich Moser, com grandiosos vitrais, e que iria ser um companheiro do escultor em outras





jornadas, assim como o próprio Palumbo, igualmente estrangeiro. Ambos juntaram-se a outros amigos contemporâneos de Bibiano para engrossar a corrente que criou no Recife muito mais do que obras de arte: uma verdadeira congregação de artistas em torno de ideais.

Em 1927, entusiasmado pelos acontecimentos no mundo, ele concebeu algo diferente de tudo o que já havia feito: retratou um hidroavião – o Jahú. Tratava-se do primeiro a cruzar o Atlântico Sul, sem escalas – em abril daquele ano. Uma parada do hidroavião em Recife fez a cidade aplaudir o piloto paulista João Ribeiro de Barros e, Bibiano, ao acompanhar as autoridades no desembarque nas águas do Porto do Recife, levou sua filha, Lectícia, que entregou uma rosa ao paulista aventureiro. A escultura era sua homenagem à façanha. A obra *Netuno*, na qual o Rei das Águas – sempre um grego – enviava uma onda, amparando a nave, depois foi aposta no Largo da Encruzilhada.

Naquele ano, a Comunidade Portuguesa em Pernambuco havia presenteado o Recife com monumento aos aviadores portugueses Gago Coutinho e Scandura Cabral. A dupla fez a primeira travessia do Atlântico Sul, com escalas, a bordo do hidroavião Lusitânia, em 1922 – no contexto das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. Desembarcou no Porto do Recife, próximo ao local onde o monumento foi apostado, na Praça Dezessete, no Bairro de São José. Com sua escultura, Bibiano havia encontrado um jeito da proeza do aviador brasileiro ficar também registrada na cidade.

Ao fim daquela década de 1920, extremamente prestigiado, Bibiano Silva resolveu usar seu trânsito junto a autoridades para tentar viabilizar um sonho que vinha nutrindo em parceria com o arquiteto Jayme Oliveira: uma escola de belas artes em Pernambuco. Não era uma novidade. Em 1888, o arquiteto Herculano Ramos havia tentado fundar no Recife algo semelhante à Escola Nacional de Belas Artes. Depois, o pintor Telles Júnior insistiu na ideia.

O papel do Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco havia sido decisivo na vida de Bibiano. Mas queria-se algo específico para as artes, no nível de ensino superior, que levasse para o ambiente profissional também a pintura e a escultura, como a Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1930, o governador Estácio de Sá inaugurou o Palácio da Justiça, às pressas, diante do galope da Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o comando da nação, depôs governadores e nomeou interventores estaduais. Estavam inauguradas as obras mais grandiosas da cidade em termos de esculturas. A visibilidade de Bibiano, não só por conta do local em que elas ficavam expostas, mas por ele ter sido escolhido pelo Judiciário, fez aumentar o prestígio do escultor.

Ele usou isso também em prol do projeto da escola. Em 1931, o governo Vargas lançou o Decreto n. 19.852, que organizava o ensino artístico, técnico e profissional. Entre as novidades trazidas com a norma, a criação da Caixa de Subvenção, voltada para o ensino técnico: era o cimento que calçaria o início do caminho da escola que Bibiano e Jayme queriam em Pernambuco.



Cúpula do Palácio da Justiça

Essa instituição iniciaria as atividades como entidade de nível médio, mas trilharia um destino de nível superior. Com essa possibilidade, Bibiano recorreu a gabinetes de autoridades com a proposta. De acordo com Anna Cecília Jácome, neta do escultor, ele nunca se envolveu com políticas partidárias, mas sempre conquistou parceria de administradores públicos em seus pleitos.

Em março de 1932, Bibiano Silva e Jayme de Oliveira fizeram uma visita ao ateliê dividido por Mário Nunes, Álvaro Amorim e Baltazar da Câmara. Anos depois, esse encontro seria registrado em artigo publicado por Câmara, no *Jornal do Commercio* do dia 18 de dezembro de 1949². O texto diz que Jayme

2 TORRES, Niedja Ferreira dos Santos. **O ensino do desenho na**





de Oliveira chegou informando: “Nossa visita é mais interessante que festa. Vimo-nos reunir-nos a vocês para que melhor possamos trabalhar pela criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco”.

Das conversas, um trecho de Bibiano:

Meus grandes amigos e irmãos em arte e espírito, vamos construir o sagrado templo das Belas Artes [...] Nossos arquitetos projetarão esse templo que será majestoso e sublime, harmonizando, num feliz conjunto, as cinco ordens das arquiteturas grega e romana [...].

De acordo com o autor, eram três horas da madrugada quando Bibiano encerrou sua fala. Sua paixão pela mitologia grega o fazia perder a noção do tempo quando começava a falar do assunto. Embora sem uma religiosidade arraigada, era apaixonado também por histórias sobre divindades católicas. Para nunca errar ao retratá-las em suas esculturas, sabia minúcias inclusive sobre vestimentas de época.

Enfim, a dupla queria a participação do trio do ateliê para fortalecer a proposta de criação da escola. Todos concordaram e ainda disponibilizaram a casa, na Rua Joaquim Távora, 105, no Bairro da Encruzilhada, para as reuniões. Aos poucos, o grupo foi crescendo: vieram os pintores Murillo La Greca, Fédora do Rêgo Monteiro (ou Fédora Fernandes – única mulher no grupo) e o arquiteto Heitor Maia Filho. Também chegaram o professor João

Escola de Belas Artes de Pernambuco: 1932 a 1946. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pernambuco em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16272?show=full>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

Alfredo e os bacharéis em Direito Barreto Campelo e Luiz Cedro, simpatizantes das artes, para auxiliar juridicamente o grupo.

Mais e mais artistas e simpatizantes foram se agregando ao projeto, a exemplo do jornalista Mário Melo, dos pintores Henrique Elliot e Emilio Franzoni e do escritor Gilberto Freyre.

Em assembleia, no dia 29 de março de 1932, naquele ateliê, o grupo de amigos finalmente fundou a Escola de Belas Artes de Pernambuco e elegeu Bibiano Silva seu primeiro diretor. Mas, como diria a letra de Vinícius de Moraes, “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada”, ou seja, tratava-se apenas da criação formal.

Por isso, naquele instante, o grupo também criou o Comitê Pró-Escola de Belas Artes de Pernambuco. A ideia inicial de Bibiano de construir a sede foi abandonada diante dos custos. Em julho eles alugaram o imóvel que deu corpo ao sonho: o chamado “Solar dos Amorim”, na Rua Benfica, n. 150, no Bairro da Madalena.

O prédio, grande, construído em meados da década de 1880, demandava um custo de aluguel muito alto. Além desse desafio, havia o de equipar a escola. Isso foi feito com muita abnegação de cada um, a partir de doações de móveis de suas próprias casas e com o minguado dinheiro de seus bolsos, por amor à arte.

A inauguração foi em 22 de agosto de 1932 e em dezembro ela já estava reconhecida como entidade de utilidade pública pelo Governo de Pernambuco, obtendo apoio do Estado e da Prefeitura. O corpo docente da Escola



de Belas Artes de Pernambuco - Ebap, na sua fundação, era composto pelo escultor Bibiano Silva (diretor); os pintores Mário Nunes, Balthazar da Câmara (tesoureiro), Álvaro Amorim, Fédora Monteiro Fernandes, Avelino Pereira, Murillo La Greca, Henrique Elliot e Heinrich Moser; Emílio Franzoni, como gravador; os professores Frei Mathias Teves, Maestro Manoel Augusto; os bacharéis em Direito Adalberto Marroquim, José Maria de Albuquerque Mello, Luís Cedro, Barreto Campelo e Gervásio Fioravanti; os médicos João Alfredo e Geraldo de Andrade; os engenheiros civis Domingos Ferreira, Jayme Lima Brandão, Newton Maia, Nestor Moreira Reis, Carlos Simon, Manoel Caetano Filho e Joel Galvão e os arquitetos Luís Matheus Ferreira, Giácomo Palumbo, Nelson Nevares, Heitor Maia Filho, Georges Munier, Abelardo Gama e Jayme Oliveira (secretário).

Nas artes, essa fase foi marcada pelo regionalismo de Cícero Dias e o modernismo de Vicente do Rego Monteiro (irmão de Fédora Monteiro). Um grupo de artistas do Recife criou o chamado “Grupo dos Independentes” e realizou o 1º Salão Independente de Artes, inspirado no *Salons Indépendants* de Paris. Alguns dos que ajudaram a fundar a Ebap, a exemplo de Balthazar da Câmara e Mário Nunes, foram expositores do Salão Independente. Embora um pouco ausente, devido às questões da Ebap, Bibiano disponibilizava seu elegante ateliê para reuniões do Grupo. A Escola de Belas

Artes não era bem vista por todo o grupo, sendo apontada por alguns como uma reação à Arte Moderna – que ganhava adeptos na cidade desde a década anterior.

Bibiano, naquele ano, participou de mais um Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Porém, estava cada vez mais empenhado nos assuntos da Escola: manter os dois segmentos de cursos – Arquitetura e Belas Artes (Pintura, Escultura e Gravura) – era uma tarefa árdua.

Por isso, em 1935, ele desligou-se da direção da Ebap e voltou ao Rio de Janeiro para tentar viabilizar a federalização da entidade, disposto a só retornar com algum encaminhamento. Enquanto isso, os negócios do seu ateliê na Rua do Hospício ficaram à mingua. Dívidas trabalhistas e de aluguel causaram a penhora dos bens do estabelecimento, que teve as atividades encerradas.

Parte da mobília foi leiloada para a quitação das pendências e outra parte foi para a Escola de Belas Artes. Bibiano estava disposto a não arredar pé do Rio de Janeiro antes de alguma conquista. A filha e a esposa passaram a morar na casa do amigo arquiteto Jayme Oliveira. No fim do ano, as duas juntaram-se a ele na Capital Federal. Em 1936, todos retornaram ao Recife, mesmo sem a federalização.

Naquele ano, houve a segunda edição do Salão dos Independentes e, depois dela, cada artista foi seguindo seu rumo, com o grupo se dispersando. Das ebulições culturais,





destacou-se no Recife o primeiro jardim ecológico do Brasil, criado por Burle Marx. Em 1937, o casarão onde funcionava a Escola foi adquirido pelo Estado e cedido à instituição, o que deixou Bibiano um pouco mais tranquilo. Sem ateliê, ele precisava retomar sua carreira de escultor e deixar que outros também se empenhassem pela escola.

Em 1938, todos voltaram a morar no Rio de Janeiro, onde ele passou a lecionar na Escola Secundária Técnica Profissional de Bento Ribeiro. Bibiano estava tão bem conceituado na Capital Federal, na época, que foi escolhido para modelar o busto do então presidente *Getúlio Vargas*, que posou para ele³. A obra está à mostra no Palácio do Catete.

Em 1939, a Escola de Belas Artes de Pernambuco já era conhecida nacionalmente e seus dirigentes continuavam na tentativa de federalizá-la. Bibiano, prestigiado no Rio de Janeiro, onde continuava morando, uniu-se a outros artistas na luta junto aos órgãos federais e conseguiram agregar nomes nacionais da arte ao pleito: Cândido Portinari, Rodolpho Amoedo, Eliseu Visconti e Modesto Kanto, entre outros.

Veio a Segunda Grande Guerra Mundial, tempo de um grande desabastecimento também no Brasil. O escultor pernambucano Vamberto Jácome (autor do busto de Mário Melo, na Avenida Mário Melo, entre outros

³ RODRIGUES, Nise de Souza. **O grupo dos independentes**: arte moderna no Recife – 1930. Recife: Editora da Aurora, 2008, p. 72.

monumentos) preocupava-se com a situação de Bibiano no Rio de Janeiro. Então pediu ao irmão, Syndolpho, integrante do Exército na Capital Federal, que procurasse o amigo para lhe dar alguma assistência: os dois acabaram se tornando genro e sogro.

O casamento de Lectícia e Syndolpho foi em 1941 e da união nasceram três netos para Bibiano e Lídia, todos no Rio de Janeiro. Com o irmão, José, seguindo carreira na Marinha, o escultor acabou levando sua mãe também para a Capital Federal. A casa era uma verdadeira comunidade, com várias gerações convivendo sob o mesmo teto.

Em 14 de novembro de 1945, o Decreto n. 19.903, do Governo Vargas, reconheceu o curso de Belas Artes (Pintura, Escultura e Gravura) da Ebap como de nível superior. Houve a reestruturação da área da Educação e, assim, no ano seguinte a Ebap compôs um grupo de entidades de ensino superior que se juntou para tornar possível a criação da Universidade do Recife, pelo Decreto Lei n. 9.388, de 20 de junho de 1946. Era a federalização tão sonhada. Esta rede reuniu as faculdades de Direito (fundada em 1827), Medicina (fundada em 1915), e Filosofia (Fafire/1940), como também as antigas “escolas” de Engenharia (1895), Farmácia (1903), Odontologia (1913) e Belas Artes (1932).

Com seus cursos de Desenho e Escultura, a Escola de Belas Artes de Pernambuco garantiu o preenchimento de cursos da área de Ciências Humanas. Era requisito



Cúpula do Palácio da Justiça

básico do Ministério da Educação para o reconhecimento de uma cadeia de faculdades como universidade. Foi assim que a Ebap acabou por contribuir para a criação da Universidade Federal de Pernambuco (1965).

Em 1948, Hélio Feijó e Abelardo da Hora fundavam a Sociedade de Arte Moderna do Recife. Dois anos depois, Bibiano fez sua última participação no Salão Nacional de Belas Artes. Há muito tempo estava desestimulado com



o salão: havia passado à condição de *hors concours*, sem direito à premiação. Isso o deixava definitivamente fora da disputa pela medalha de ouro, que disponibilizava ao ganhador uma viagem à Europa, seu grande sonho – nunca realizado.

Naquele ano de 1950, aos 61 anos, ele retornou ao Recife, acompanhando o genro que conseguiu a transferência definitiva para a Capital pernambucana. Bibiano retomou seu posto como professor da Escola de Artes, agora da Universidade Federal do Recife. A família toda passou a morar na Avenida Beberibe, 394, de onde nunca mais saiu. A filha de Bibiano, Lectícia, veio a falecer em março de 2019.

Além de atuar na Ebap, Bibiano passou a lecionar na Escola Industrial Agamenon Magalhães. Também integrou o corpo docente da Escola Normal do Recife. Mas não deixou a ponte aérea: viajava com frequência, agora, não mais só para o Rio de Janeiro – também para São Paulo, onde passou a usar a Fundação Zani.

Foi ele quem fez a máscara de Agamenon Magalhães, falecido em 1952, que serviu para a estátua esculpida no ano seguinte por Luiz Morrone. O seu retorno ao Recife lhe gerou desafios. Um deles era o de permanecer fiel ao estilo clássico, apesar da pressão modernista. Escultores desta tendência o instigavam a enveredar para o ambiente

mais autoral e passavam a disputar com ele a preferência para esculturas em espaços públicos – movimentando a opinião pública e cobrando posicionamentos do Governo.

Apaixonado pelas proporcionalidades, Bibiano conseguiu ser fiel ao estilo escolhido, mas, até de forma inconsciente, absorveu algumas influências. Isso fica claro, por exemplo, no monumento em homenagem ao abolicionista *José Mariano*, encomendado em 1953, para o bairro recifense do Poço da Panela.

Apesar do busto de *Mariano* ser fiel ao clássico, a escultura do escravo, abaixo do busto, mostra mãos e pés avantajados em relação ao corpo. A neta de Bibiano, Anna Cecília, recorda da polêmica que isso gerou. Se por um lado modernistas queriam vê-lo adentrar neste novo caminho, os clássicos o cobravam lealdade. “Ele queria fazer sobressair os pés e as mãos mesmo e dizia que era para mostrar o sofrimento do trabalho escravo”, lembra a neta.

Em 1954, aos 65 anos, Bibiano expôs no Salão Paulista de Arte Moderna, do qual nunca havia participado: ganhou a Grande Medalha de Prata. Era um salão modernista e a participação de Bibiano, sempre clássico, parecia ser estranha àquele ambiente. Ele não fugia do modernismo, mas a paixão que movia seu trabalho era a escola clássica.

Em 1955, esculpiu o busto em homenagem a *José de Almeida Soares Lima*, fundador do Hospital



Português de Pernambuco, hoje apostado no Pátio do prédio principal deste que é um dos maiores hospitais do Brasil. Para a área interna, esculpiu os bustos do *Visconde de Santo Albino* e do empresário *Alfredo Álvares de Carvalho*, agentes de importantes conquistas da entidade lusa.

Sua produção foi muito vasta e está espalhada por diversos Estados do Brasil. Ele é autor do busto de *Daniel de La Touche*, apostado em frente à Prefeitura de São Luís do Maranhão; em Natal, Capital do Rio Grande de Norte, assina o monumento da *Praça Sete*; na cidade paraibana de Campina Grande, é dele a escultura de Nossa Senhora, a *Mãe Campinense*.

Em Pernambuco, a arte de Bibiano se espalhou. Na sua terra natal, por exemplo, ele fez, além da escultura em homenagem ao Leão Coroado, os bustos de *Antônio Dias Cardoso*, *Antão Borges*, *Melo Verçosa* e *Duque de Caxias*. No Recife, é também de sua autoria o busto de *Eládio de Barros Carvalho*, na sede do Náutico, entre outros. Sua assinatura pode ser vista também em Petrolina, na estátua de *Dom Malan*; em Caruaru, no busto do escritor *José Condé* e em Garanhuns, nos bustos do professor *Austragésilo de Oliveira Lima* e de *Dom José de Moura*, para citar alguns. Em 1958, passou a criar uma série de esculturas para o campus da então Universidade do Recife. Um dos grupos de esculturas era o Monumento a *Joaquim*

Amazonas, que dá nome ao campus do Recife.

Integrou esta série o Monumento a *Fernandes Vieira*, principal líder da Restauração Pernambucana, que expulsou os holandeses e era o dono do Engenho do Meio, local onde foi construído o campus. A obra foi aposta na Avenida Jornalista Aníbal Fernandes.

Fez, ainda, o busto de *Correia Picanço*, primeiro médico a fazer um parto cirúrgico (cesariana) no Brasil, em 1817. Esse médico foi obstetra da imperatriz Maria Leopoldina, no parto de Maria da Glória – futura rainha de Portugal. O rol inclui o busto de *Otávio de Freitas*, fundador da Faculdade de Medicina do Recife.

Os trabalhos para o agora campus da UFPE tinham um sabor especial. Isso porque tudo o remetia à luta pela fundação da Escola de Belas Artes, uma pedra importante na estrada que levou àquele campus, aberto em 1967, já ostentando suas obras. Ele teve essa alegria em vida.

Dois anos depois, em 1969, Bibiano faleceu, em 16 de janeiro, vítima de câncer, aos 80 anos. A morte o poupou de duas tristezas. Uma foi a de ver o acervo de seus documentos e desenhos devastado pela enchente que apavorou o Recife em 1975, tornando difícil a catalogação dos trabalhos dele. E a outra foi a extinção da Escola de Belas Artes, em 1976, dentro de uma reforma educacional do regime militar. Em janeiro de 2017, o Palácio da Justiça foi palco do lançamento do Museu Virtual Bibiano Silva (<http://bibianosilva.org/>), reunindo imagens de obras, informações sobre o escultor e depoimentos de familiares.



*Detalhe das esculturas
A justiça e o homem*



ARMANDO ROMANELLI

Armando Romanelli de Cerqueira é descrito pelo crítico de arte Geraldo de Andrade como um “impressionista moderno”. Foi o responsável pelos retratos de todos os presidentes do Supremo Tribunal Federal até 1972. Um dos seus quadros – *Ovelhas*, pintado em 1986 – está na antessala do Tribunal Pleno do Palácio da Justiça de Pernambuco.

Nascido em 20 de janeiro de 1945, no Rio de Janeiro, Romanelli fez sua primeira pintura aos quinze anos, em um azulejo, com tinta de parede. Passou a ser estimulado pelos pais – Carly Romanelli e Augusto Cerqueira – também artistas, a continuar pintando. Aos dezoito anos, em 1963, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes. Com isso, adotou um traço clássico que, aos poucos, incorporou elementos do impressionismo, estilo com o qual se tornou conhecido.

Em 1968, foi laureado com a medalha de ouro no Salão Duquecaxiense de Pintura, no Rio de Janeiro. Em 1970, esteve entre os selecionados para o Salão Nacional de Belas Artes, época em que passou a realizar exposições individuais em galerias de vários Estados brasileiros, entre os quais, Pernambuco. No Recife, fez três exposições: em 1976, na Galeria Picasso e, em 1985 e 1987, na Galeria Ranulpho.

Suas exposições ultrapassaram fronteiras brasileiras: em 1973 realizou, na Mara’s Gallery, em Londres, a primeira



Detalhe da Pintura Ovelhas
Local: Antessala do Tribunal Pleno do Palácio da Justiça

de várias mostras internacionais. No ano seguinte, voltou à Inglaterra para exposição na Woodstock Gallery. Entre as principais mostras internacionais que participou, estão as realizadas em Hanover, na Alemanha, em 1980; Lisboa e Porto, em Portugal, em 1981 e 2000; Barbados, no Caribe, em 2001; e Guanajuato, no México, em 2006. Nos Estados Unidos, ressaltam-se exposições na Geórgia, em 1993; Miami, em 1994; Naples, em 1995, Jupiter e Coral Gables, em 1997.

Sua trajetória pode ser visitada no livro *Romanelli*, lançado em 1987. Também no livro *Desenhos brasileiros*, de Mário Margutti, com introdução de Antônio Olinto – da Academia Brasileira de Letras, lançado em 1988. A obra




reúne trabalhos dele, de Sylvio Pinto e de Luiz Verrim, entre outros artistas. A Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, por ocasião de exposição retrospectiva do pintor, lançou o livro *Romanelli: as cores do tempo*, em 2002.

Romanelli tem trabalhos destacados também na arte religiosa. Em 1992, assinou o primeiro selo religioso da América Latina, comemorativo aos 100 anos da Igreja Batista de Niterói e aos 130 anos da primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Ainda no seu Estado natal, pintou o altar de algumas igrejas: a Capela de Nossa Senhora das Graças, na Gávea, em 1997; a Capela de Santa Edwiges, em Teresópolis, em 2000, e da Igreja Matriz de São Fidélis, em 2002. Em 2009, realizou o seu trabalho de



Pintura Ovelhas






maiores dimensões: a pintura de painel de vinte metros quadrados na Igreja Santa Rosa de Lima.

Suas obras podem ser visitadas nos museus Adolpho Bloch, em Teresópolis, no Rio de Janeiro; Museu de Londrina, no Paraná, e no Museu Iconográfico Del Quijote, em Guanajuato, no México. Também tem trabalhos nas pinacotecas do Banco Bozano Simonsen, do Banco Safra, do Banco do Brasil, da Fundação Roberto Marinho, da Atlantic e da Empresa de Telecomunicações.

O crítico de arte Hélio Carneiro tece comentário elogioso sobre o artista:

Dono de uma paleta luminosa e iluminada, Romanelli encanta pela poesia da veracidade e seduz pela rigorosa técnica de composição. Em pinceladas precisas e ricas em textura, Romanelli revela o mosaico da alma brasileira, a essência do misticismo e a religiosidade do nosso povo.



O artista plástico Sylvio Pinto também homenageado nesta obra, reconhece e expressa a importância da obra de Romanelli, asseverando: “O que você criou foi admirado e o que produziu servirá de exemplo para as nossas gerações futuras.”

Nesta obra, o Tribunal de Justiça de Pernambuco rende um tributo ao artista carioca, autor das séries Dom Quixote, Feira de Flores e Arte Sacra, que é admirado pela sua sensibilidade e encantamento de suas obras, no Brasil e no exterior.

Daltro Neves foi um dos fundadores do Grupo dos Independentes, que, na década de 1930, questionou o academicismo e a grade curricular de ensino das artes em Pernambuco, no contexto do movimento modernista. Uma de suas pinturas, *Casa no campo*, faz parte do conjunto de obras que compõe o acervo de bens móveis do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

A obra é datada de 1930 – exatamente o momento de ebulição, no Recife, das discussões em torno do modernismo. No contexto sociocultural daquele momento, esses artistas praticaram valores estéticos inovadores e confrontavam-se com o academicismo. Questionavam, em especial, as disciplinas obrigatórias para os cursos de Desenho, Pintura e Escultura da então recém-criada Escola de Belas Artes do Recife (1932).

O movimento modernista questionava não só o classicismo, mas rompia com imagens mais retratadas até então, em especial as de paisagens, propondo que figuras humanas tomassem toda a tela. Porém, apesar de empenhado no modernismo, Daltro Neves mostrava-se livre em suas criações, sem se prender a padrões – nem antigos, nem novos.

Tanto é que na obra de Daltro que faz parte do acervo do Palácio da Justiça, instalada na Sala dos Desembargadores, o artista mostra exatamente uma paisagem rural. Em sua *Casa no campo*, estão presentes






*Detalhe da pintura Casa no campo
Local: Sala dos Desembargadores do Palácio da Justiça*



Pintura Casa no campo



elementos como árvore, gramado e céu, ícones da escola clássica combatida pelos modernistas, que pintavam figuras praticamente sem pano de fundo. Na obra exposta no Palácio, só paisagem. Porém, ele trazia pinceladas modernas – lembrando um pouco o impressionismo que imperava entre modernos parisienses naquela época.

O Grupo dos Independentes promoveu o Salão dos Independentes em 1933 e chegou a realizar, em 1936, uma segunda edição, antes de dispersar-se. Seus principais expoentes acabaram por sair de Pernambuco – indo para o Rio de Janeiro, São Paulo e mesmo Paris. Este momento coincidiu com o estabelecimento do Estado Novo (1937)



– de grande cerceamento de liberdades de expressão na imprensa, artes plásticas, literatura e música.

Em seu livro *Memória do atelier coletivo*, o pintor José Cláudio mostra outra versão de Daltro Neves – que, curiosamente, assinava como Neves Daltro. Entre os artistas da época, que encontraram na imprensa “a única porta que se abria para os mestres do desenho”, foi um dos citados. Assim, trabalhou também como ilustrador na *Revista do Norte*, ao lado de nomes como Joaquim Cardozo, Vitoriano Lima e Manuel Caitano Filho.



Apesar do enfraquecimento da agitação dentro do ambiente político do Estado Novo, após a queda de Vargas (1947), o movimento modernista ressurgiu com fôlego, com a criação da Sociedade de Arte Moderna do Recife (1948). Dela se originou o Atelier Coletivo do Recife (1952). Este se propunha ir além do rompimento com o classicismo: queria a construção própria da linguagem e da ideologia, inclusive criando técnicas próprias de pintura. Funcionou em quatro endereços, nas ruas da Soledade, Velha, Matriz e Bernardo Guimarães.

No caminhar da história surgiu, nos idos da década de 1960, o Movimento de Cultura Popular de Pernambuco (MCP), de extrema importância para a preservação da cultura pernambucana, uma das mais festejadas do País. Essa estrada mostra como foram importantes os que integraram, como Daltro Neves, esses movimentos.

FRANCISCO BRENNAND

Tido como um dos maiores nomes brasileiros das artes plásticas, Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand é autor do grandioso Parque de Esculturas Francisco Brennand. Composto por noventa peças sobre arrecifes, no Marco Zero, foi construído no ano de 2000, num tributo aos 500 anos de descobrimento do Brasil. Três prédios do Judiciário pernambucano são enriquecidos com obras do grande artista: o Fórum Thomaz de Aquino, o Fórum Rodolfo Aureliano e o Centro Integrado da Criança e do Adolescente. Francisco Brennand era recifense, nascido no Engenho São João da Várzea, em 11 de junho de 1927, filho de Ricardo Lacerda de Almeida Brennand e Olímpia Padilha Nunes Coimbra.

Brennand era desenhista, pintor, ilustrador, escritor e gravador e, embora desenvolvesse tão diversificadas artes, sua notoriedade é maior como ceramista. Pela grandeza de sua obra em cerâmica, ficou mais reconhecido como escultor, conquanto, na sua visão, esse ofício devesse ser atribuído “àquele que retira a forma da matéria dura”. Nesse sentido, considerava Michelangelo, que extraía as suas formas da pedra, o paradigma do escultor, muito mais do que Auguste Rodin, que lidava com moldes para a fundição do bronze, embora entendesse que a característica de modelador nunca afastou Rodin de ser um extraordinário escultor.

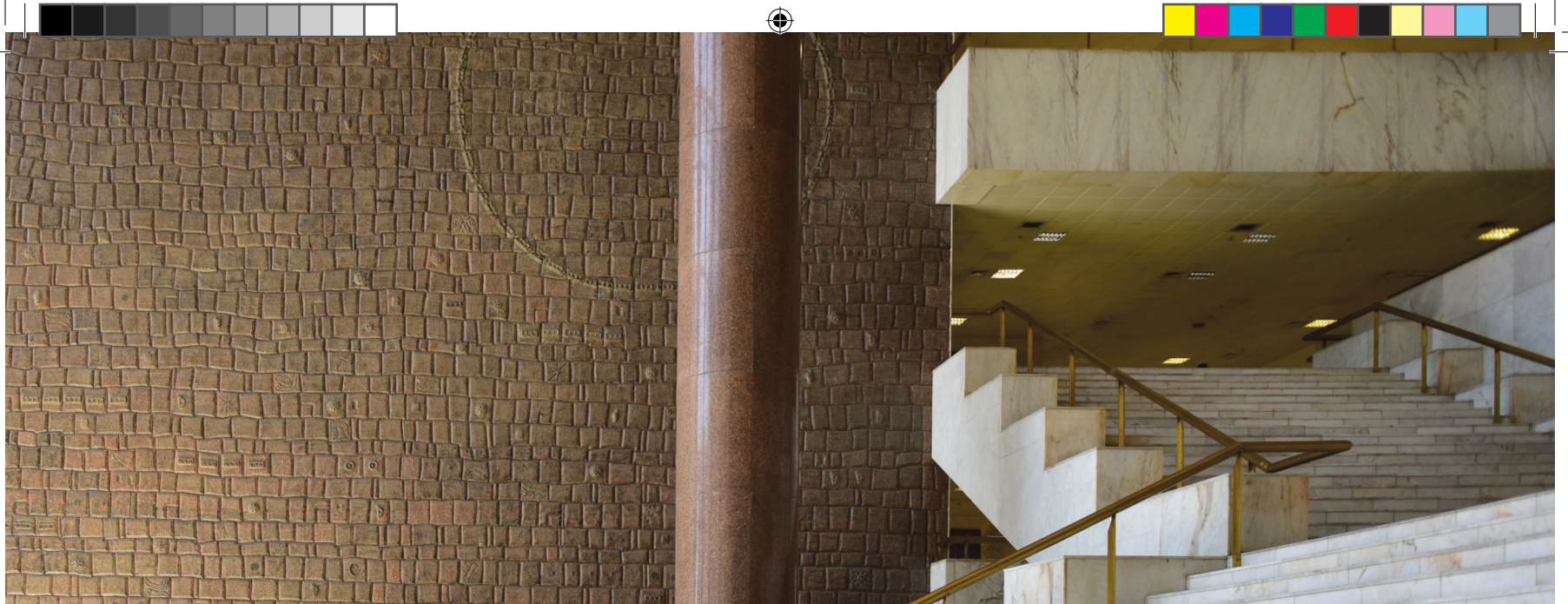
Sua história escolar inclui um período no Rio de Janeiro, no Colégio São Vicente de Paula, onde esteve interno em 1938, outro em Recife, no Colégio Marista, em 1939 e no Colégio Oswaldo Cruz, em 1945. O



*Detalhe do Mural Sol e Lua
Local: Átrio do Fórum Rodolfo Aureliano*

desenho e a literatura o atraíram desde o ensino médio. Foi nessa época que conheceu Deborah de Moura Vasconcelos, que se tornou sua esposa em 1948, e também o amigo Ariano Suassuna, com quem se uniu na criação de um jornal literário, no qual ele produzia as ilustrações e Ariano, os poemas, numa reciprocidade de influências artísticas.

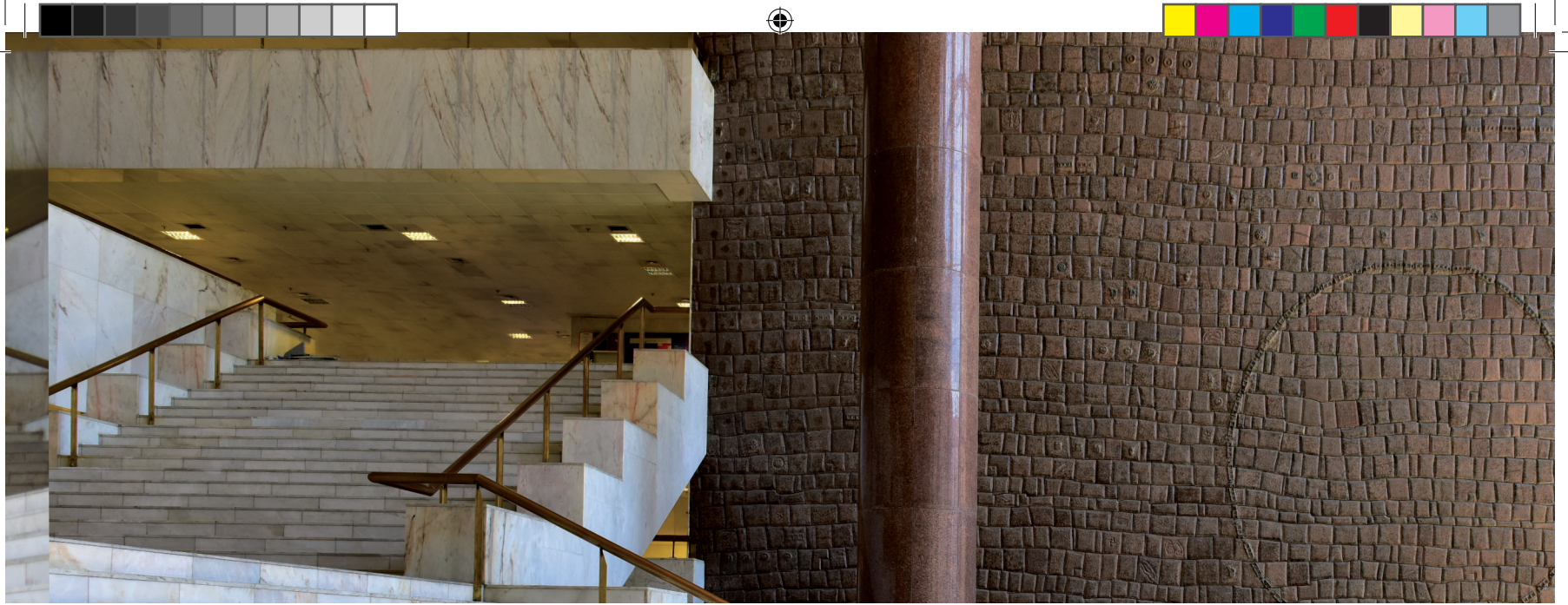
A Cerâmica São João, fundada por seu pai, em 1917, foi o berço de sua vida laboral. Lá, por volta de 1942, também trabalhava Abelardo da Hora, que o ensinou os primeiros passos da modelagem. Abelardo teve grande influência na sua predisposição para o mundo da arte, embora, nessa época, Brennand não tivesse, ainda, abraçado nem a escultura nem a cerâmica.



Recebeu, entre os anos 1945 e 1947, ensinamentos dos artistas Murillo La Greca e Álvaro Amorim, da Escola de Belas Artes. Brennan contou que La Greca o atendia semanalmente, para analisar a colheita daquele período, sempre no final da tarde, sem acender as luzes ou abrir as janelas da sua casa, pois o professor entendia que a obra deveria ser vista na obscuridade, quando são analisados os valores e não as cores. O mestre o ensinou, entre outras coisas, que as cores são uma ilusão e que as sombras, na natureza, são luminosas e transparentes, diferentemente do que se pode reproduzir na fotografia. Com relação a Álvaro Amorim, dizia que ele recuperou alguns quadros da coleção João Peretti, adquirida pelo seu pai. O pintor o presenteou com um cavalete especial para pintura no campo e uma caixa de tintas a óleo que havia pertencido a Telles Júnior.

O reconhecimento do seu valor artístico logo veio à tona e, em 1947, recebeu o primeiro prêmio de pintura do Salão de Arte do Museu do Estado de Pernambuco, com a obra *Segunda visão da Terra*, inspirada numa paisagem do Engenho São João da Várzea. Em 1948, o seu autorretrato, intitulado *Cardeal inquisidor*, criado sob a inspiração do retrato de Dom Fernando Nino de Guevara, pintado por El Greco, lhe rendeu novamente o primeiro prêmio e uma menção honrosa.

No intuito de aperfeiçoar sua arte e atendendo ao apelo do pintor pernambucano Cícero Dias, foi morar em Paris, no ano de 1949, acompanhado de sua esposa. Brennan contou que Cícero Dias, também na sua juventude, havia se rendido ao chamado de Di Cavalcanti para ir morar na França, usando um argumento mágico:



Mural Sol e Lua

“nem que seja em caráter experimental”. Com a certeza de que a decisão se tratava apenas de uma tentativa – e que, se não desse certo, teria a opção de voltar e integrar as hostes dos empresários, deixando de ser artista para ser administrador – teve forças para seguir os conselhos do seu precursor. A única condição imposta foi a de antes se casar e levar consigo a sua Deborah, aluna brilhante do segundo ano do curso de Direito. Reconhecendo ter sido esse um grande momento de sua vida, entendeu que tudo deu tão certo, que nunca mais pensou em outra coisa a não ser o mundo da arte.

Em 1951, retorna a Paris e em 1952 foi aprimorar o conhecimento das técnicas da cerâmica em Deruta, na província de Perúgia, na Itália, onde iniciou sua experiência com o esmalte cerâmico e as queimas em

diversas temperaturas.

Sua estada na Europa foi recheada de grandes surpresas. Ao chegar em Paris, interessado apenas em pintura a óleo, admirou-se com a primeira exposição de Picasso que visitou, pois não tinha conhecimento de que o artista também fazia cerâmica. Brennand sentiu-se humilhado, por ter nascido dentro de um universo cerâmico e, ignorado essa arte, considerando ser uma arte menor, uma arte decorativa. Então, concluía que “não existem cartas de nobreza na arte, existe arte boa e ruim, talvez nem isso, existe arte”. Já morava na Itália, quando, passeando em Paris, encontrou sua amiga Marianne Peretti, que o ajudou a realizar o sonho, acalentado desde 1946, de conhecer o pintor Balthus.

Estudou pintura com Fernand Leger e André



Local: Salão do III Tribunal do Júri do Fórum Thomaz de Aquino

Lotte. Artistas como Gaudí, Picasso, Chagal, Matisse, Braque, Gauguin e, especialmente, Joan Miró tiveram forte influência sobre Brennand.

O seu primeiro grande painel foi concluído em 1954 e instalado na fachada da fábrica de azulejos de sua família. O Aeroporto Internacional dos Guararapes, no Recife, em 1958, recebeu o mural *Pastoral*. Em 1961, inaugurou o painel *Batalha dos Guararapes*, na Rua das Flores, numa agência bancária de Recife, e o mural *Anchieta*, no Ginásio Itanhaém, em São Paulo.

Em 1971, Francisco Brennand iniciou a

reforma da velha olaria de propriedade de seu pai, no bairro da Várzea, que havia sido fechada em 1945, transformando-a na sua oficina de arte. Numa área de 15 mil metros quadrados, estão harmoniosamente expostas centenas de esculturas erigidas em galpões, jardins e lagos. O espaço está entre os mais importantes pontos turístico-culturais da cidade do Recife. Sobre essa restauração, o artista falava de forma poética:

Recordo-me de ter encontrado a velha cerâmica São João em ruínas. Inclusive, cabe salientar que não havia necessidade de um anteprojeto,



*Mural que traz no centro a Justiça, representada por uma mulher com os olhos vendados e as mãos livres
Local: Salão do III Tribunal do Júri do Fórum Thomaz de Aquino*

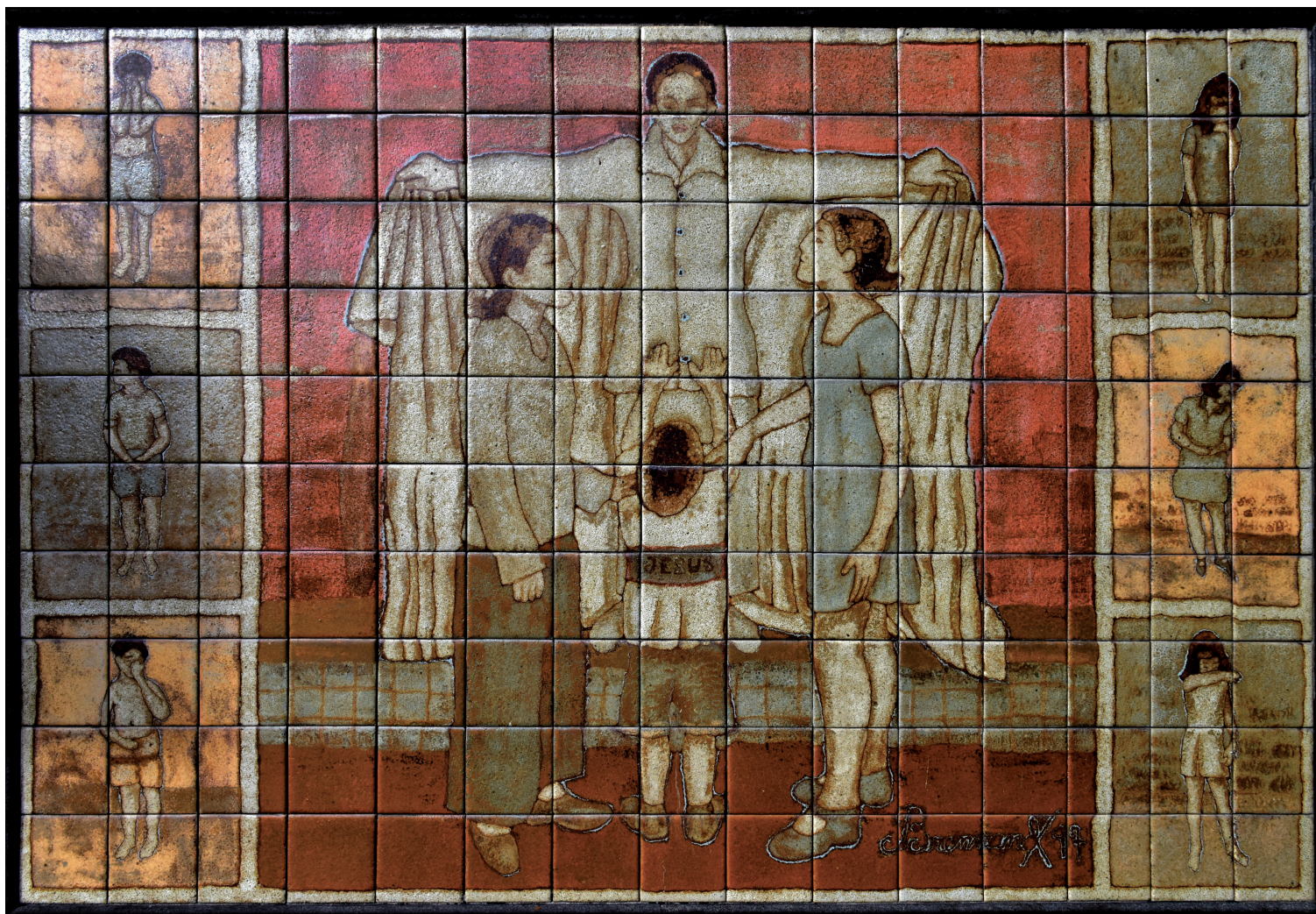
pois as antigas paredes já indicavam aquilo que devia ser refeito: as ruínas balizavam tudo.¹

Cerca de 80 obras, entre murais, painéis e esculturas assinadas pelo artista adornam prédios públicos e particulares no Recife e outras cidades do Brasil e do mundo, como o mural cerâmico da sede da Bacardi, em Miami, com 656 metros quadrados.

Os prédios do Tribunal de Justiça contam com várias obras de Francisco Brennand, entre elas, estão os murais

¹ BRENNAND, Francisco. **Testamento I: o oráculo contrariado**. Recife: Bagaço, 2005. Disponível em: <http://www.brennand.com.br/files/Oraculo.doc>. Acesso em: 22 dez. 2017.

instalados no átrio do Fórum Rodolfo Aureliano, medindo mais de 450 metros quadrados, datados de 1999, com imagens que representam o sol e a lua. Sobre os murais, o autor afirmou ter se impressionado com o que visualizou em reproduções de Machu Picchu, no Peru, onde existem obras de arquitetura inacreditáveis para a época em que foram construídas, como a contenção do solo feita por pedras e muros de arrimo. São pedras trabalhadas que se encaixam perfeitamente, apesar dos tamanhos diversos. Inspirado nessa arte, Brennand quis fazer um mural que não versasse sobre um assunto específico, “a não ser um tema telúrico, cósmico, o sol e a lua, a noite e o dia, paredes enormes de revestimento estruturado com matéria



Mural *A juventude*

Local: Fachada do Centro Integrado da Criança e do Adolescente (Cica)

que dá a impressão de rochas basálticas, lavas vulcânicas”.

No Fórum Thomaz de Aquino Cyrillo Wanderley, encontram-se dois grandes painéis com o tema *A justiça se faz*², que, segundo o artista, “são composições pictóricas dispostas em friso, à maneira dos mosaicos bizantinos, que
2 BRENNAND, Francisco; Weydson Barros Leal. *A justiça se faz*. Recife: Multimídia, [2006].

realizei tendo à lembrança o famoso mural do imperador Justiniano – o Legislador, prestando tributo à igreja”.

O mural instalado no Salão do III Tribunal do Júri, medindo 6 m x 2 m, apresenta três citações latinas: a central, *Felix culpa* (Culpa feliz), encimando a figura feminina representativa da Justiça, que, na opinião do





Mural A Justiça se faz
Local: Salão do IV Tribunal do Júri do Fórum Thomaz de Aquino

artista, traça um paradoxo. Ligando a sua obra a uma homilia de Santo Agostinho, Brenna dizia que a culpa feliz alude à culpa de Adão e Eva, que nos valeu a redenção. A inscrição do lado esquerdo, *Abyssus abyssum invocat* (O abismo chama o abismo), colocada sobre a imagem de juízes, faz referência, na visão do autor, ao versículo 8, capítulo 51, do Livro dos Salmos, em que se entende que uma falta atrai a outra. A expressão *Non possumus*, grafada no lado direito do painel, acima da figura de outros julgadores, representa, para o artista, a resposta dada por São Pedro e São Paulo, quando intimados a parar de evangelizar, e, corresponde, ainda, ao indeferimento do Papa Clemente VII ao pleito de Henrique VIII, da Inglaterra, que pretendia anular o seu casamento com Ana Bolena.

No Salão do IV Tribunal do Júri, o mural instalado na parede frontal, medindo 6,2 m x 2 m, também traz no centro a Justiça, representada por uma mulher com os olhos vendados e as mãos livres, pois a balança e a espada estão nas mãos das duas guardiãs que a ladeiam, formando uma trindade. A diferença é que, no primeiro, elas olham para a justiça e, neste segundo, elas miram o espectador. O autor descreveu essa obra, tecendo comparações entre a Torre de Babel e as cenas vislumbradas no lado esquerdo do quadro. Ele dizia que as letras desordenadas – colocadas como pano de fundo da imagem de três julgadores – lembram “quando foi perdido o poder de entendimento



32 gravuras emolduradas

Local: Gabinete da Corregedoria Geral da Justiça (Fórum Thomaz de Aquino)

dos homens, mas que precisam ser compreendidas pelas próprias criaturas que se desnortearam na sua soberba de alcançar o inalcançável”. Do lado direito de quem olha, três jovens e uma instrutora representam os acadêmicos de Direito nos seus primeiros passos pela Casa da Justiça. O artista preferiu que o rebanho humano fosse representado pela “juventude feminina, que é, ao mesmo tempo, a sagrada matriz, de onde todos somos provenientes, e, também, sob o ponto de vista religioso, o cerne de todas as paixões humanas, haja vista o pecado original”.

No Gabinete da Corregedoria Geral da Justiça, situado no último andar do Fórum Thomaz de Aquino,

desde 1996, estão exibidas 32 gravuras emolduradas, que representam os detalhes dos murais afixados no primeiro andar do mesmo prédio. O autor comentou que as figuras são esboços traçados em papel, como um preparatório do que seria, posteriormente, concretizado em cerâmica.

Na fachada do Centro Integrado da Criança e do Adolescente, órgão do Tribunal de Justiça de Pernambuco, onde funcionam as Varas da Infância e da Juventude da Comarca do Recife, pode ser visto um mural em cerâmica fixado na parede da entrada. A obra intitulada *A juventude* foi produzida em 1997 e a imagem central representa a Justiça que ampara a criança e o adolescente, na imagem de uma mulher,



Gravuras emolduradas

cujos braços abertos, como asas angelicais ou mesmo manto protetor, acolhem um menino que lhe estende os braços e duas adolescentes que se entreolham. Na lateral esquerda, três quadros apresentam figuras de um mesmo menino com expressões de desamparo e na lateral direita, outros três quadros trazem uma menina, em iguais condições. O autor considerava esse um dos murais de que ele mais gostava e disse que teve

como base os retratos que pintou de sua esposa, Maria Gorette, de uma sobrinha e de dois de seus filhos, Helena Victória e Oliver Edward. Afirmou que utilizou essa arte para fazer o mural, pois, “na realidade o mural é assim, pintado em uma tela ou em madeira e, depois passado para a cerâmica, mudando-se apenas de suporte”

Sobre o símbolo, representado pelo arco e flecha que usava em todas as peças produzidas naquela oficina



Gravuras emolduradas

localizada dentro de uma mata, dizia tratar-se do orixá Oxossi, que é uma entidade religiosa pertencente à umbanda, tida como rei da mata, um deus caçador e protetor dos animais. Ele afugenta o homem da mata e por isso os animais lhe são gratos. Dizia achar fantástica a assertiva do pintor José Cláudio, no sentido de que Oxossi procura em todas as florestas do mundo uma

caça que sabe de antemão que jamais encontraria. Para Brennand, que professava a fé católica, essa perseguição era muito próxima da insistência da raça humana na procura pela verdade, na procura pelo absoluto.

Quanto às esculturas em forma de ovo de diferentes tamanhos, sempre presentes na sua arte, Brennand lembrava que o “ovo é um emblema de eternidade. As



Gravuras emolduradas

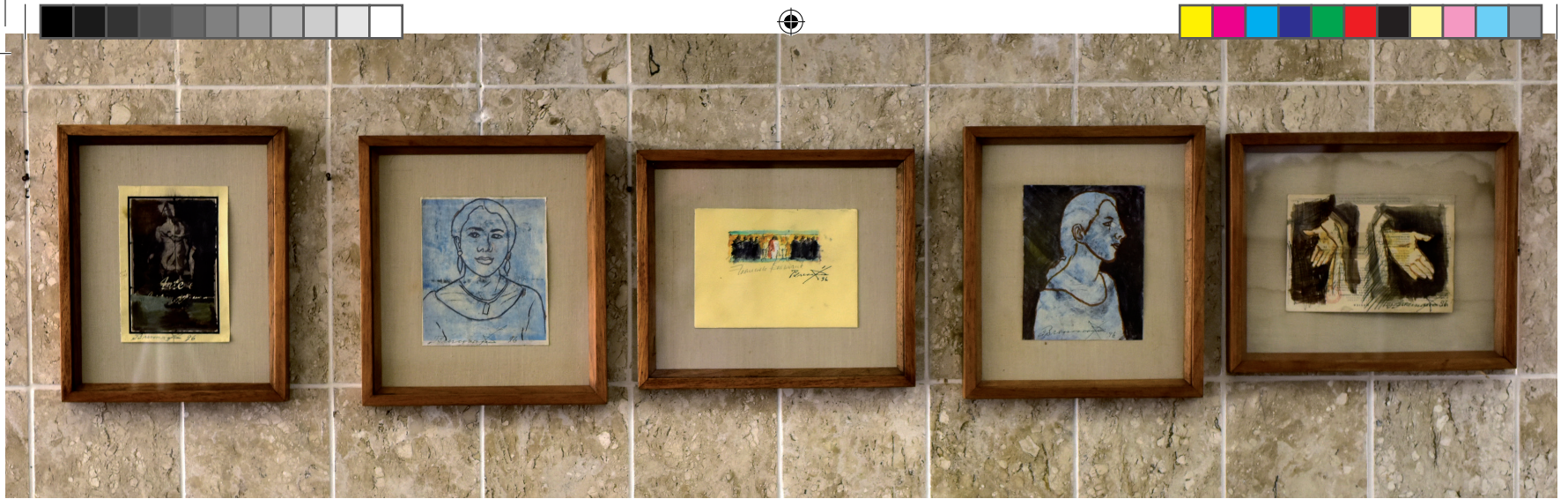
coisas são eternas porque se reproduzem. A eternidade é a reprodução”. Acreditava que não se faz necessária a procura de razões metafísicas nem a espera por outra vida, pois a eternidade já se faz agora. Ilustrava o seu pensamento trazendo o exemplo das características de uma árvore florida que vemos hoje e da mesma árvore trezentos anos depois, eternizada sob o olhar de outro grupo de pessoas. Da mesma forma, as características que recebemos de nossos pais são repetidas nos nossos filhos e, assim, eternamente. Arrematava: “Em parte, nós somos os outros, trazemos os traços dos nossos antepassados e passamos os nossos para os filhos. Isso é a imortalidade”.

A arte de Brennand honra o Estado de Pernambuco no Brasil e no mundo. O artista expôs individualmente em várias cidades brasileiras, como Recife, Olinda, João Pessoa, Salvador, Natal, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Manaus, Curitiba, Porto Alegre e Belo

Horizonte. No exterior, em Washington, nos Estados Unidos; Londres, na Inglaterra e Berlim, na Alemanha.

Coletivamente, expôs e ganhou muitos prêmios em diversos países, como na Espanha, em Barcelona e Sevilha; na Bélgica, em Oostende; no Uruguai, em Punta del Este; na Itália, em Faenza e Veneza; nos Estados Unidos, em Washington e na Filadélfia; em Portugal, em Lisboa; na Inglaterra, em Londres; na Suíça, em Zurique e, na Venezuela, em Caracas e Maracaibo.

Entre as condecorações conferidas a Francisco Brennand está a Medalha do Mérito Capibaribe da Cidade do Recife – Grã-Cruz, a mais alta honraria do município, recebida em junho de 2017, em reconhecimento a sua trajetória artística, distinguida internacionalmente. Na ocasião, o homenageado também recebeu uma réplica da sua obra *Serpente Marinha*, feita pelo seu amigo Jobson Figueirêdo. Em agradecimento, falou da magia do nome Capibaribe que



Gravuras emolduradas

o reportava à infância, lembrando que a propriedade em que está localizada a sua oficina de arte é cortada pelo Rio Capibaribe e que escolheu o bairro da Várzea como o centro do mundo, sua pátria e seu território sagrado.

Até falecer, aos 92 anos, em 19 de dezembro de 2019, continuou inteiramente dedicado à arte, principalmente, desenhando, pintando e escrevendo, porém não mais fazendo esculturas, pois havia adquirido o hábito de esculpir sempre em pé e já não suportava demorar-se nessa posição. Publicou quatro volumes do seu diário, iniciado na viagem de navio rumo a sua morada na França, em 1949. O diário, embora com algumas extensas lacunas, relata situações que marcaram sua vida pessoal e artística e, na opinião do autor, só atrai a leitura de quem se interessa por pintura e literatura.

O artista teve cinco filhos: Maria da Conceição e Maria Helena – ambas estão atualmente à frente da

administração da Oficina Cerâmica Francisco Brennand; Pedro Fabrício, que vive na Paraíba; Helena Victória, que mora em Recife; e, por fim, Oliver Edward, que reside na Irlanda, nascido da união com Maria Gorette Farias. Nenhum deles enveredou pelas artes.

Dono de uma prodigiosa memória, falava de pessoas, lugares, artes e sentimentos com a propriedade de quem viveu no dia anterior as situações ocorridas há décadas. Era emocionante ouvi-lo tratar dos mais variados temas, passados e atuais, com a desenvoltura de quem carregava uma imensurável bagagem cultural adquirida ao longo dos anos, com as viagens e as pessoas com quem conviveu no seu vasto mundo da arte.

Brennand se fez imortal em cada arte concluída, cada palavra dita e em cada pensamento expressado, afirmando que “o futuro tem o coração antigo”, acreditava que o homem, em qualquer época, seja agora, para trás ou para frente, será sempre o mesmo. Ainda que



Gravuras emolduradas

disfarçado com roupas diferentes, com possibilidades tecnológicas diversas, sempre será o mesmo. Nasce, vive e morre o mesmo, ainda que viva por cem ou duzentos anos, terá sempre o mesmo coração.

A homenagem que o Tribunal de Justiça de Pernambuco busca prestar neste capítulo é insignificante diante da importância do artista Francisco Brennand e da grandiosidade de sua obra. Nada será suficiente para exprimir o reconhecimento ao grande artista pernambucano, cujas obras enobrecem e valorizam o acervo artístico desta Casa de Justiça.



HEINRICH MOSER

Artista plástico e arquiteto, o alemão Heinrich Moser é o precursor da técnica de vitrais em Pernambuco e considerado um dos principais vitralistas do Brasil. Deixou um legado que ultrapassou obras físicas: engajou-se em movimentos de artistas que reverberaram na criação da Escola de Belas Artes do Recife, hoje incorporada ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Assina, entre outros, o imponente vitral que ilumina as escadarias principais do Palácio da Justiça.

Heinrich August Johann Moser nasceu em 1886, em Munique, na Alemanha, onde, em 1907, casou-se com Olga Zwack. Formado pela Academia de Belas Artes de Munique (Akademie der Bildenden Künste de München), veio ao Brasil, em 1910, aos 24 anos, a convite de uma tia, proprietária da Casa Alemã no Recife, para auxiliá-la, como arquiteto, na reforma do estabelecimento.

A loja, na antiga Rua Barão da Vitória, hoje, Rua Nova, causou muita admiração na cidade por fazer uso de uma inovação: a eletricidade. Outra novidade foi a instalação de uma vitrine, uma parede de vidro através da qual mostraria artigos ofertados aos consumidores, item já usado no comércio europeu e introduzido por ele no mercado recifense. Certa vez, reproduziu numa delas um leito conjugal, expondo pijama e camisola, o que chocou a sociedade da época.

A passagem pelo Recife seria temporária, porém, apaixonou-se pela terra e acabou criando raízes em Pernambuco. Ficou conhecido por seus trabalhos em



Pintura Justiça
Local: Sala do Tribunal Pleno



*Detalhe do vitral Instalação do Conselho de Justiça
Local: Escadaria principal do Palácio da Justiça*





*Vitral Instalação do Conselho de Justiça
Local: Escadaria principal do Palácio da Justiça*



vitrais, mas dominava também a pintura, a escultura, assim como a arquitetura, desenvolvendo alguns projetos de residências e igrejas.

Entre 1924 e 1926, assinou 24 capas do periódico *Revista de Pernambuco*, com ilustrações em diversos estilos, em que destacou o desenvolvimento urbano da cidade. Realizou vários trabalhos de pinturas em bico de pena para ilustrar cartazes, capas de livro, folhetos e álbuns. Registrou as reformas do Porto do Recife e a construção do Tribunal de Justiça em suas criações.

O vitral produzido por ele para o Palácio da Justiça, concluído em 1930, é tido como a mais grandiosa obra de arte interna da edificação em Pernambuco, reproduzindo o que seria a instalação, por Maurício de Nassau, do Conselho de Justiça, o primeiro tribunal de segunda instância na América.

É dividida em três partes iguais que medem, cada uma, 7 m de altura por 1,38 m de largura. A sensibilidade artística calcada na pesquisa histórica e a técnica utilizada possibilitam a percepção até da textura dos tecidos das cortinas e das roupas, todas em cores fortes, como roxo, vermelho e laranja. Entre as obras do artista sem referência a temas religiosos, esta é considerada, no âmbito nacional e internacional, a mais importante. Amplamente reproduzido em fotografias, o vitral foi exibido no catálogo da Exposição Johann Moritz Zu Nassau – Siegen, na Alemanha, em 1979.

Até então os vitrais no Recife eram restritos a igrejas e, depois de inaugurado o painel do Palácio da Justiça, feito no ateliê do artista, no Recife, o uso dos vitrais popularizou-se. Seus trabalhos em vidro passaram a fazer parte de residências da cidade e espaços como o Clube Internacional do Recife, na Madalena, onde ele assina a peça *Anfitriões*, inaugurada na abertura da sede da entidade, em 1939.

A vida no Nordeste, a linguagem, a cultura, o tropicalismo e as vestimentas da região, dentro do repertório modernista, foram temas recorrentes de seu trabalho. Juntamente com outros artistas como Murillo La Greca, Bibiano e Balthazar Câmara, em 1932, Moser fez parte da fundação da Escola de Belas Artes, onde montou um ateliê de vitral e passou seu conhecimento a artistas locais como Lula Cardoso Ayres, Aurora Lima e Nenah Boxwell.

Quatro anos depois de inaugurado o Palácio da Justiça, Moser entregou o painel *Justiça*, invocando a deusa grega Dice. A diva é retratada conforme os elementos gregos: com sua balança ainda desequilibrada, simbolizando a busca pela igualdade, e sua espada poderosa, representando a força inseparável do Direito. Ao contrário da sua correspondente romana, Justitia – criada posteriormente e sempre apresentada com olhos vendados, remetendo à imparcialidade – Dice aparece com olhos livres, representando a procura da verdade. A



obra, de grandes dimensões, medindo 3,10 m por 2,5 m, em óleo sobre alvenaria, pode ser apreciada na principal parede da Sala do Tribunal Pleno, no primeiro andar do Palácio.

Usando cores fortes, o alemão assinou diversos vitrais em igrejas e prédios particulares e públicos que foram preservados, como os da Basílica Nossa Senhora do Carmo e da Igreja de Nossa Senhora das Graças. A Igreja Matriz de Taquaritinga do Norte tem a imagem de Santo Amaro, seu patrono, pintada por Moser em arte mural.

Heinrich Moser faleceu no Recife em 1947, aos 61 anos, deixando uma contribuição relevante para a cultura pernambucana. Foi considerado por Lula Cardoso Ayres, entre outros nomes de peso nas artes brasileiras, como o maior vitralista de que se teve conhecimento em Pernambuco e, talvez, no Brasil.

Em 2016, projeto dos alunos de Artes Visuais e Computação Gráfica do Campus Olinda do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) ressaltou a importância de Moser para o desenvolvimento da arte gráfica em Pernambuco. Foram catalogadas 112 imagens de obras do artista reunidas em acervos privados e públicos. O trabalho resultou no catálogo *Heinrich Moser: arte e memória gráfica em Pernambuco no início do século XX*, com versões em português, inglês e alemão.

Nessa publicação, há ilustrações feitas para livros, cartazes, partituras, jornais e revistas – como as capas

do *Jornal do Commercio* e da *Revista de Pernambuco*. Constam também desenhos em bico de pena, que remetem a cenas cotidianas da época, para o livro de Estevão Pinto, *Pernambuco no Século XIX*. Os trabalhos monocromáticos, entre eles os do livro infantil *Boa gente – histórias de animais*, escrito por Lucilo Varejão, também estão catalogados. Outra importante obra foi a capa da partitura do compositor e pianista de música popular Alfredo Gama.

O livro *Moser: um artista no Nordeste*, escrito pela designer e pesquisadora Ângela Weber, em 1987, versa sobre a vida e a arte do alemão que marcou com suas cores a região.

Em reconhecimento à valiosa contribuição para a arte de Pernambuco, especialmente, no prédio do Palácio da Justiça, onde o artista marcou indelevelmente sua talentosa presença, o Tribunal de Justiça reverencia a grandiosidade da obra de Heinrich Moser com este capítulo.

MARIANNE PERETTI

Marianne Peretti surpreende pela grandiosidade da sua obra. A franco-brasileira mora na Cidade Alta, em Olinda, local que escolheu para viver, depois de ter morado em São Paulo e no Rio de Janeiro. A artista está catalogada entre os mestres da arte vitral do século XX, pela Universidade de Sorbonne, na França. O acervo museológico do Tribunal de Justiça de Pernambuco é também composto por vitrais e esculturas de Marianne que adornam os seus ambientes e dão um tom de contemporaneidade ao prédio do ano de 1930.

Filha da modelo francesa Antoinette Ruffier e do historiador pernambucano João de Medeiros Peretti, Marie-Anne Peretti nasceu em Paris, França, em 13 de dezembro de 1927. É pintora, desenhista e escultora.

Cresceu e estudou em Paris, inicialmente no Lycée Molière e no Lycée Victor Duruy, de onde fugia para entreter-se com desenhos. Aos 15 anos, já estudava na École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs e, posteriormente, se matriculou na Académie de La Grande Chaumière, no bairro de Montparnasse, famoso pelos artistas ali instalados. Foi aluna de Édouard Goerg e de François Desnoyer.

Em entrevista concedida ao portal *JC Online*, Marianne fala sobre o momento em que se descobriu uma artista:

Eu não me lembro bem, realmente não lembro. Talvez uma coisa que me tenha ajudado é que veio um pintor fazer um retrato da minha mãe, eu era muito pequena, devia ter uns oito anos, olhando ele desenhar minha mãe para um quadro pintado a óleo, e me interessei. Não fiz belas artes, fiz artes decorativas. Minha mãe pensava que eu ia todo dia ao Liceu,



Vitrail
Local: Sala da Presidência





mas, na verdade, eu ia desenhar num lugar chamado La Grande-Chaumière. Ficava o dia inteiro lá. Depois de um momento, naturalmente, ela percebeu e achou que eu fosse repetir o ano... (risos). Uns amigos diziam, 'deixa ela desenhar, fazer como ela quer'. Eles me salvaram.

Marianne trabalhou, ainda na adolescência, para jornais, livros, revistas e guias de viagem, desenhando e fazendo charges de pessoas conhecidas, astros de cinema e outras personalidades. Fez sua primeira exposição individual na Galerie Mirador, localizada na Place Vendôme, em Paris, onde conheceu o pintor Salvador Dalí. Após essa exposição, viajou pela Europa para exibir seus trabalhos.

Veio morar em definitivo no Brasil nos anos 50. Marianne casou-se com um britânico e foi morar em São Paulo. Nessa época, participou da 5ª Bienal em São Paulo, na qual recebeu o prêmio de melhor capa de livro com *As palavras*, de Jean-Paul Sartre. Em São Paulo, trabalhou para uma famosa rede brasileira de joalherias, enquanto continuava pintando.

Apaixonada pelo trabalho de Oscar Niemeyer, bateu na porta do escritório do arquiteto, no Rio de Janeiro, e se apresentou. Conseguiu uma vaga na equipe e se tornou a única mulher a integrá-la, participando da construção de Brasília. A pedido do arquiteto, Marianne criou vitrais e painéis monumentais na Câmara dos Deputados, no Senado Federal, no Palácio do Jaburu, na fachada do Panteão da Pátria e na câmara mortuária do Memorial Juscelino Kubitschek, além de grandes esculturas, como o pássaro em bronze de 800 kg, na entrada do Teatro Nacional, em Brasília.

O palácio do Superior Tribunal de Justiça (STJ) foi um trabalho de colaboração entre Niemeyer e

Marianne Peretti. As colunas livres e vidros fumês que se intercalam num jogo de claro e escuro, dando a impressão de um bosque, a artista chamou de *A floresta imaginária*. Para o plenário, ela fez a obra intitulada *Mão de Deus*, que representa a generosidade e o rigor divinos, sob o azul do céu.

Das suas obras, a que mais encantou Oscar Niemeyer foram os vitrais da Catedral de Brasília, criados na década de 1980, nas cores verde, azul e branco. A igreja ganhou em grandiosidade, com as peças coloridas e harmônicas, desenhadas e produzidas pela artista, sobre quem Niemeyer afirmou:

Vou dizer como me emocionava vê-la, durante meses, debruçada a desenhar os vitrais. Eram centenas de folhas de papel vegetal que, coladas, representavam um gomo da catedral. Os vitrais maravilhosos que criou para a Catedral de Brasília são comparáveis, pelo seu valor e esforço físico, às monumentais obras da Renascença. Sua preocupação invariável é inventar coisas novas, influir com seu trabalho no campo das artes plásticas. [...] E o desenho magnífico, livre, solto, coberto de coragem e fantasia.¹

O trabalho resolveu, ainda, o problema de climatização do espaço que havia antes, com o dossel de vidro transparente que superaquecia o ambiente.

Marianne tem consciência da importância de sua obra e da beleza por ela agregada aos ambientes, chegando a afirmar que Brasília, embora transmitisse uma sensação de grandeza, dava a impressão de que lhe faltava algo, e esse algo foi ela quem realizou.

¹ BRAGA, Tactiana (org.). **Marianne Peretti** – a ousadia da invenção. São Paulo: SESC, 2015.



Vitrail

Local: Sala de Recepção da Presidência

Fiz muita coisa ali. Acho que a cidade não seria a mesma coisa. A Catedral é a obra de que mais gosto. É também a que mais me cansou. Ali, era tudo muito grande. Muito trabalho, muito cansaço, muita responsabilidade. Passava pequenas temporadas na cidade. Brasília nos dá uma sensação de grandeza. Mas acho que faltava alguma coisa – e fui eu quem realizei isso².

O maior conjunto de obras de Marianne em Brasília está no Congresso Nacional. Uma delas, o painel *Alumbramento*, foi reinaugurada em 8 de novembro de 2016, no hall central de entrada do Congresso.

² ALBERTIM, Bruno. Marianne Peretti: grandeza, leveza e transparências. In: **Pernambuco modernista - Especial JC Online**. JORNAL DO COMMERCIÓ ONLINE, Recife, mar. 2017. Disponível em: <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/pernambuco-modernista/marianni.php>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

Os trabalhos da artista estão expostos em diversas cidades do Brasil e do mundo. Em São Paulo, são encontrados desenhos, cenários, múltiplos e esculturas da artista no Museu de Arte de São Paulo e uma grande escultura de vidro transparente, e outra em bronze dourado polido, no Memorial da América Latina; no Rio de Janeiro, encontram-se dois vitrais no edifício da Revista Manchete e um painel em baixo-relevo (100 m²), em concreto, no Museu do Carnaval; em Belém do Pará, grande vitral no Monumento à Cabanagem; em Teresina, uma escultura em ferro laqueado, no Palácio do Governo do Piauí; em João Pessoa, a escultura *DNA*, no Museu de Ciência; em Natal, um vitral no Hotel Pirâmide; e, em Maceió, um vitral no Memorial Teotônio Vilela, além de várias residências particulares no país.

Fora do país, encontram-se na França, um mural de 48 m² na Câmara Sindical de Eletricidade,



no Boulevard Voltaire, em Paris e dois grandes pássaros em fibra de vidro branco, no Espaço Cultural da cidade do Havre; e, na Itália, seis grandes vitrais no Edifício Cartiere Burgo, em Turim.

O Recife foi enriquecido com as obras da artista: os vitrais da Igreja Nossa Senhora de Fátima, em Boa Viagem; os vitrais da capela do Tribunal Regional Federal da 5ª Região; um painel em cerâmica de 80 m² no Colégio Boa Viagem; e a escultura em bronze, no hall de entrada da Escola de Contas Públicas Professor Barreto Guimarães, do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco, além de outras criações instaladas em restaurantes, hospitais e hotéis da capital pernambucana.

No Tribunal de Justiça de Pernambuco, é possível encontrar obras da artista plástica na capela, na recepção e no Gabinete da Presidência, assim como nos fóruns Thomaz de Aquino e de Olinda.

Na capela localizada no térreo, à esquerda de quem entra no Palácio da Justiça pela Rua do Imperador, inaugurada em 29 de janeiro de 1988, existem duas obras de Marianne. Um vitral, criado em 2002, em formas contemporâneas nas cores carmim, vermelha e roxa, com divisórias e laterais em metal dourado e uma cruz ao centro, confeccionado com materiais vindos da Europa, medindo 2,74 m x 1,35 m, e uma mesa em metal, medindo 0,90 m x 1,5 m x 0,65 m, com base de vidro e o suporte de metal dourado.

No Gabinete da Presidência, localizado no quarto andar do Palácio, está o painel em vidro jateado com desenhos de pássaros, que forma um biombo, medindo 3,5 m x 5,56 m. Na parte inferior do vitral, a artista traçou formas onduladas e geométricas, em relevo de metal dourado, mesmo material utilizado nos suportes laterais.

Na sala de recepção da Presidência, também está instalado um painel em vidro jateado, criado em 2004,

medindo 2,08 m x 3,50 m. As colunas douradas que emolduram o painel medem 2,69 m x 0,30 m. Apresenta a figura de três pombas da paz e alguns traços ondulados. Na parte inferior, é marcante a presença de formas geométricas.

Na recepção do Fórum Lourenço José Ribeiro, em Olinda, está instalado um painel em vidro transparente e jateado, com estrutura em metal branco, formado por cinco partes de larguras diferentes, todas com 2 m de altura, totalizando uma área de 10,64 m².

Marianne Peretti trabalhou com nomes como Janete Costa, Acácio Gil Borsoi, Nilo Aragão Santos, Roberto Burle Marx, Lucio Costa, Athos Bulcão, Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti, Raphael Perez e outros.

A artista recebeu o título de cidadã honorária de Brasília, pela Câmara Legislativa do Distrito Federal em 2006. Em 17 de julho de 2010, recebeu a grande condecoração da França, a Legion d'honneur.

Em 2015, foi publicado o livro *Marianne Peretti: a ousadia da invenção*, com Tactiana Braga e Laurindo Pontes como organizadores. Trata da experiência da artista na equipe do arquiteto Oscar Niemeyer, na criação de vitrais, murais, croquis e esculturas e traz uma carta em que Niemeyer expressa sua admiração e amizade pela artista. A biografia foi lançada na França e em outros países de língua francófona.

Marianne Peretti é considerada por especialistas como Veronique David, do Centro André Chastel, na França, – referência mundial em vitrais – a mais importante vitralista da contemporaneidade.

A artista que executou com maestria esculturas, vitrais e relevos para edifícios públicos e particulares, em grandes cidades do Brasil e da Europa, principalmente na França e na Itália, recebe agora do Tribunal de Justiça de Pernambuco, como num preito de gratidão, uma homenagem que em nada se compara ao que realmente merece a autora de obras que enaltecem grandemente os seus ambientes.



Vitrais
Local: Fórum Thomaz de Aquino





Vitral
Local: Sala da Presidência





Vitrail
Local: Sala de Recepção da Presidência



MURILLO LA GRECA

Responsável, junto com outros artistas, pela criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco, o pintor pernambucano, Murillo La Greca doou ao Tribunal de Justiça um dos seus quadros mais emblemáticos: *Os últimos fanáticos de Canudos*, premiado no Salão de Belas Artes em 1927. La Greca, que sempre se interessou por história, reproduzindo-a em seus trabalhos, é um dos grandes nomes de Pernambuco nas artes plásticas.

Os italianos Vincenzo La Greca e Teresa Carlomagno vieram para o Brasil no final do século XIX, fugindo da crise que afligia a Itália, radicaram-se na Mata Sul de Pernambuco e tiveram doze filhos, sendo o último, Vicente La Greca. Nascido em 3 de agosto de 1899, na cidade de Palmares, tornou-se conhecido no mundo das artes como Murillo La Greca.

Aluno do tradicional Colégio Salesiano, em Recife, auxiliando o Padre Solari a pintar os cenários, onde os estudantes apresentavam as peças teatrais, despertou o interesse pela arte. O pintor Carlo di Servi também exerceu influência sobre a arte do menino Vicente, que contava 14 anos quando visitou a exposição do italiano em Recife.

A arte do espanhol Bartolomé Esteban de Murillo foi tão importante na vida de La Greca, que aos dezessete anos, após reproduzir a obra *Mendigo*, do sevilhano, adotou o nome do pintor passando a ser chamado Vicente Murillo La Greca, a partir de 1953.



*Detalhe da pintura Os últimos fanáticos de Canudos
Local: Sala da Presidência*

Murillo foi para o Rio de Janeiro em 1918, aconselhado pelo seu irmão mais velho, José La Greca. No ateliê dos irmãos Bernardelli, onde estudou por oito meses, aprendeu com Henrique Bernardelli importantes lições sobre a arte da pintura. Nesse período, teve a oportunidade de conviver com renomados artistas, como

Cândido Portinari, de quem se tornou amigo, chegando a morar na mesma pensão. A amizade não teve influência sobre o estilo de La Greca, que não se afastou da arte clássica.

Entre 1919 e 1925, morou na Itália. Estudou no Real Instituto de Belas Artes, na Associação Artística





Internacional e na Academia do Nu e dedicou-se ao desenho de modelo vivo. Nessa arte, destacou-se com os desenhos *Estudos de cabeça de mulher*, *Sírio*, *Velho modelo* e *Nu feminino* e com as pinturas *A fonte de Castália* e *Os últimos fanáticos de Canudos*, que está exposta no Gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

Voltou para o Recife em 1925. Um ano depois, realizou uma exposição com 53 trabalhos, entre desenhos e pinturas, e recebeu elogios da crítica especializada e do público. No Rio de Janeiro, em 1927, expôs cinco telas no Salão Nacional de Belas Artes. Sua pintura *Os últimos fanáticos de Canudos* recebeu medalha de prata no evento. Seguiram-se outras mostras pelo Recife, Rio e São Paulo.

La Greca sempre se interessou por história, reproduzindo-a em seus trabalhos. Pintou cenas emblemáticas, como o já citado *Os últimos fanáticos de Canudos* (1924) e *A execução de Frei Caneca* (1924), a qual retrata o fuzilamento de Frei Caneca pelas tropas do Império brasileiro, em 1825. A tela do martírio do padre revolucionário é considerada a obra mais famosa do artista. Os heróis da República Benjamin Constant, Marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e Tiradentes foram retratados por La Greca, entre os anos 1930 e 1934, a pedido do Comando do Exército.

Ainda na década de 1930, participou, desde o início, do movimento de artistas e intelectuais para a criação da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Foi o responsável por implantar, no Nordeste, a disciplina Desenho de Modelo

Vivo. Nessa época, teve seu trabalho desprestigiado por gerações de artistas mais jovens, seguidores das novidades modernistas, o que o fez afastar-se do mundo artístico, deixando de promover exposições.

Passou a ensinar na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e encantou-se pela aluna Sílvia Decusati. Casaram-se em 1936 e foram morar em Nápoles, na Itália, onde La Greca se aprimorou na técnica dos afrescos, tendo por mestre o catedrático da Academia de Belas Artes, Emílio Notte.

De volta ao Brasil, um mês antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial, ele inaugurou a arte dos afrescos no país. No Recife, os frades capuchinhos o convidaram para pintar na Basílica da Penha, no bairro de São José, *Os quatro evangelistas*. Na cúpula do altar-mor, os afrescos trazem a imagem dos evangelistas Marcos, Mateus, Lucas e João. Concluiu a obra, em 1942, com a saúde comprometida, em razão do esforço físico –trabalhava por doze horas seguidas para aproveitar a argamassa úmida – e da inalação prolongada de tinta. A pintura lhe rendeu muitas críticas elogiosas.

No fim da década de 1940, o reitor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) requisitou ao artista um quadro em que fosse retratada a primeira aula de medicina. Naquela época, o artista atravessava uma fase tumultuada, em que a função de diretor da Escola de Belas Artes de Pernambuco e a dedicação à sua esposa, que estava doente e veio a falecer em 1967, tomavam-lhe o tempo. Assim,



a obra *A primeira aula de Medicina* só foi concluída em 1970 e entregue solenemente em 1975, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina.

Em passagem pela Itália, em 1976, foi muito bem acolhido pelos artistas e pela mídia local. Reconfortado pelo convívio com os parentes, na sua volta ao Brasil, deu continuidade ao seu trabalho, acumulando, ainda, a função de jurado em salões de arte. A condecoração Ordine al Merito della Repubblica Italiana, no grau Cavaliere, lhe foi conferida no ano de 1983.

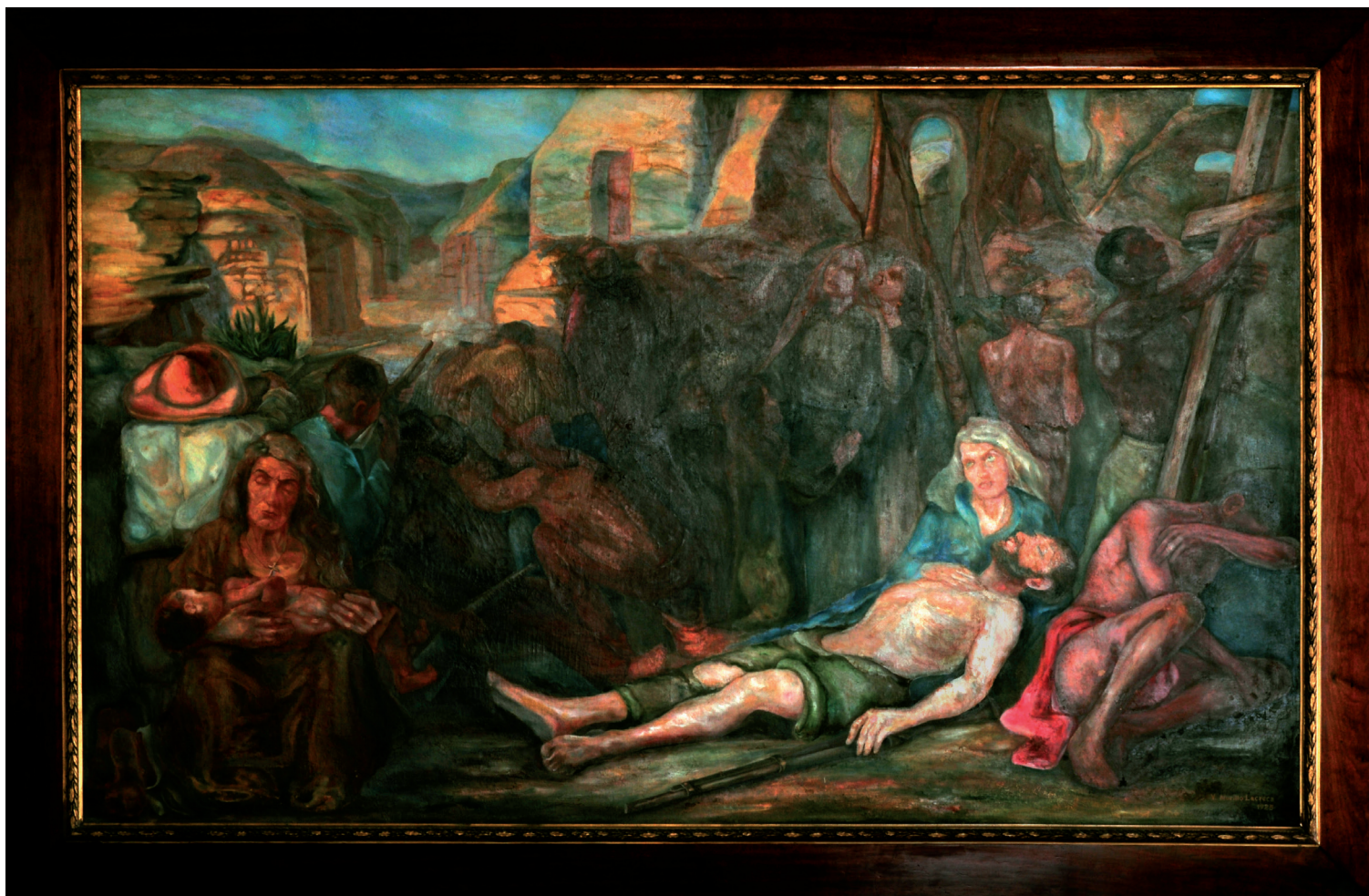
Outra homenagem prestada ao artista foi a criação do museu Murillo La Greca, localizado no bairro do Parnamirim, em Recife, com dez salas que abrigam o legado artístico do pintor e da sua esposa, além de discos, livros e mobiliários, nos quais o casal deixou sua marca. O museu foi um sonho nutrido pelo artista por muito tempo. Ele doou o acervo, conheceu o lugar escolhido, participou da organização das obras, mas não teve a oportunidade de presenciar a inauguração, que ocorreu em 12 de dezembro de 1985, pois veio a falecer em 5 de julho do mesmo ano.

No Gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça de Pernambuco, uma grande parede, à direita da mesa do presidente, é ocupada pela famosa pintura *Os últimos fanáticos de Canudos*, premiada com medalha de prata no Salão de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1927, de autoria do pintor pernambucano Murillo La Greca. Em óleo sobre tela, a obra, datada de 1925, tem 1,60 m de altura por 2,56 m de comprimento.

O pesquisador Eduardo Dimitrov traça uma detalhada análise sobre a obra:

Ao centro do quadro, um pouco deslocado para a direita, vê-se, sentada no chão de terra e grama, uma senhora de cabelos grisalhos usando um vestido azul. Entres suas pernas, com o peito descoberto e para cima, estende-se o corpo de um homem branco moribundo. Ele veste apenas uma calça rasgada na altura do joelho direito e dobrada por completo até a metade do fêmur esquerdo. Todo seu braço direito está encoberto pelo seu tórax, inflado, ao mesmo tempo que sua barriga está contraída em direção às costas em um movimento de respiração pouco natural. Já a mão esquerda, segurando uma carabina, está bem à mostra ao observador. A mulher, provavelmente sua mãe, poussa sua mão direita sobre o peito do homem e olha para o céu com uma expressão que lembra o lamento.

Essas duas figuras estão muito mais iluminadas do que as do seu entorno. Nele, formando uma trincheira que se inicia no canto esquerdo da tela passando por trás da mulher sentada e retornando ao canto direito, vemos diferentes figuras humanas em várias atividades. Uma mulher com uma criança de colo, homens armados atirando ou preparando suas armas, uma mulher de joelhos em frente a um casal de pé que olha para o céu.



Pintura Os últimos fanáticos de Canudos
Local: Sala da Presidência





Bem atrás da mulher sentada, dois homens estão de costas e um negro de perfil parece procurar ou mexer em algo colocado acima da linha de seus olhos, em uma estrutura de madeira. No canto inferior direito, já de volta ao primeiro plano, um outro homem em posição quase fetal, se apoia em algo já fora do quadro, escondendo o rosto.

[...]

As cores e a luz dizem muito nesse quadro. Os dois focos de luz pousam sobre a mulher sentada e o homem moribundo, no primeiro plano, e sobre a cidade no terceiro. O bege, o azul e o branco predominam nessas áreas iluminadas, ao passo que o marrom avermelhado, lembrando um tom de terra, de coisa envelhecida, torna todos os personagens das barricadas, quase compartilhando uma mesma matéria. Cada figura se distingue uma das outras a partir das nuances de tonalidades de marrom. A luz, um tanto divina, pois é capaz de iluminar apenas dois personagens e manter na escuridão tantos outros, parece trazer a salvação para o moribundo o qual, provavelmente, recebia as preces proferidas pela mulher sentada.

[...]

O pintor trata os seguidores do Conselheiro de fanáticos, e ilumina os dois pontos do quadro onde esses “fanáticos” estão sendo vencidos: o casario ao fundo, e um soldado moribundo ao centro. Pela

narrativa de Euclides da Cunha, em Os Sertões, sabe-se que a igreja foi um dos últimos redutos das forças conselheiristas e, portanto, as ruínas apresentadas, além de seguirem a tradição da pintura acadêmica, fazem alusão às paredes derrubadas pela matadeira, canhão das tropas republicanas.

Todos os personagens que continuam lutando seguem como “fanáticos” e, talvez pela cor vermelho-terra, poderiam ser associados ao envelhecido, ao arcaico.¹

A obra foi considerada por Manoel Bandeira como a “verdadeira Pietá sertaneja”, fazendo um paralelo entre a mulher e o homem moribundo do centro da tela de La Greca, com a Virgem Maria e Jesus morto em seu colo na escultura de Michelangelo.

Pelos comentários e críticas feitas à obra que pertence ao Tribunal de Justiça, é notório o valor artístico e a importância cultural que a mesma agrega ao acervo do Poder Judiciário. É reconhecendo essa valorosa contribuição que agora é feito este tributo.

1 DIMITROV, Eduardo. Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08052014-104648/pt-br.php> > Acesso em: 03 jan. 2018.

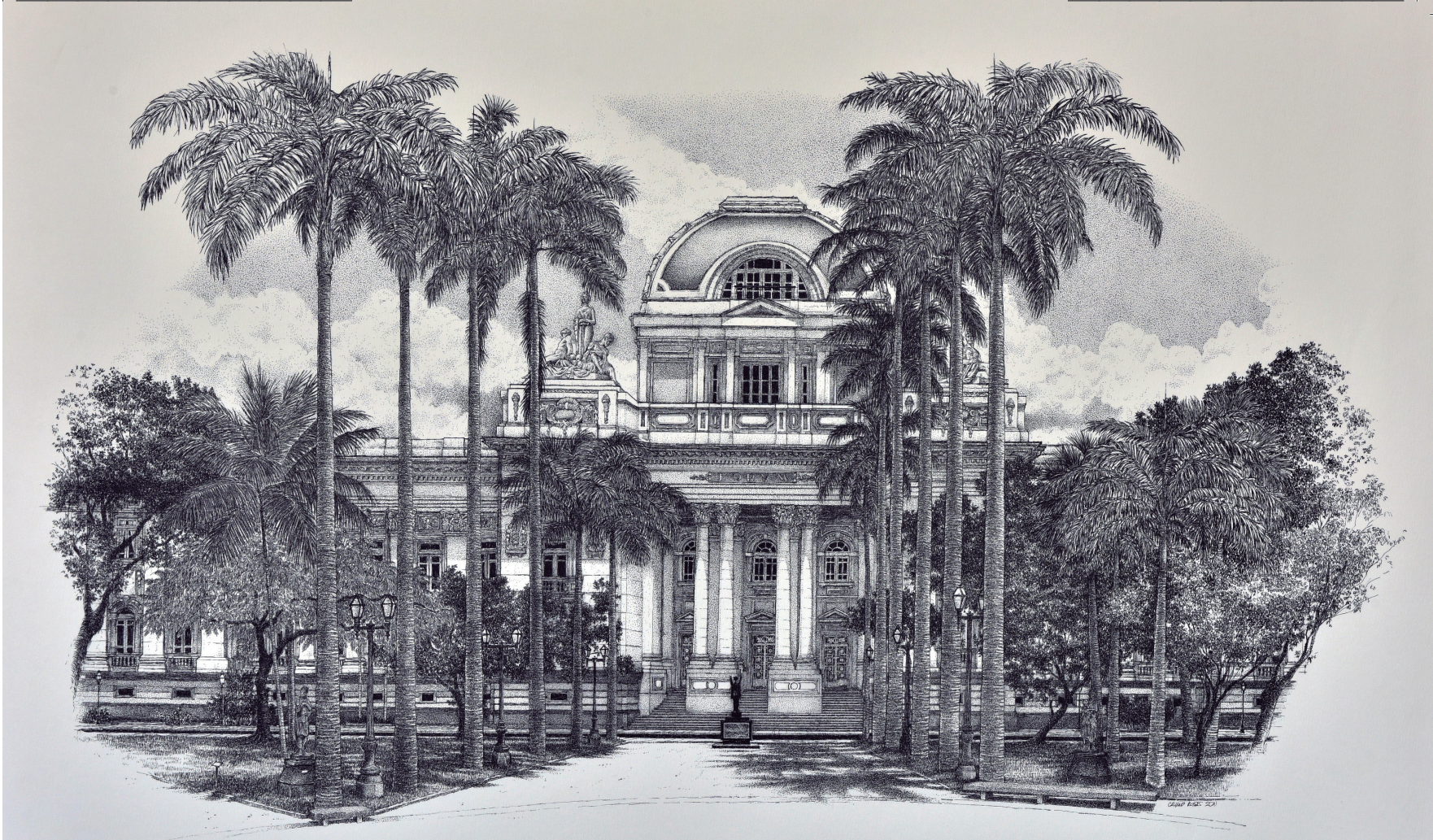


RICARDO CAVANI ROSAS

Ricardo Cavani Rosas é um dos artistas pernambucanos mais conceituados do país. Depois de passar anos alternando-se entre Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, como escultor, desenhista e artista plástico, voltou para Pernambuco em 2012. Atualmente, dedica-se também ao cinema. Seus desenhos em bico de pena estão espalhados por vários pontos importantes do Recife, a exemplo do Palácio do Governo e do Palácio da Justiça.

Nascido no Recife, em 25 de dezembro de 1952, cresceu no bairro de São José. Teve as primeiras aulas de desenho, ainda criança, com seu pai, Júlio Santana Rosas, projetista de barragens. Com relação às esculturas, seu primeiro contato foi na casa do artista Armando Lacerda, autor da estátua do Padre Cícero em Juazeiro do Norte.

Sua carreira como ilustrador começou em 1969, aos dezessete anos, no suplemento infantil do *Diário de Pernambuco, Júnior*. Paralelamente, trabalhou com decorações de carnaval para o Cabanga Iate Clube, Clube Português do Recife e Country Club do Recife, e como ilustrador para alguns escritórios de arquitetura. Nesse mesmo período, participou de sua primeira mostra coletiva no Ateliê Sobrado 7, em Olinda. Toda essa vivência despertou-lhe um grande interesse por exposições e museus.



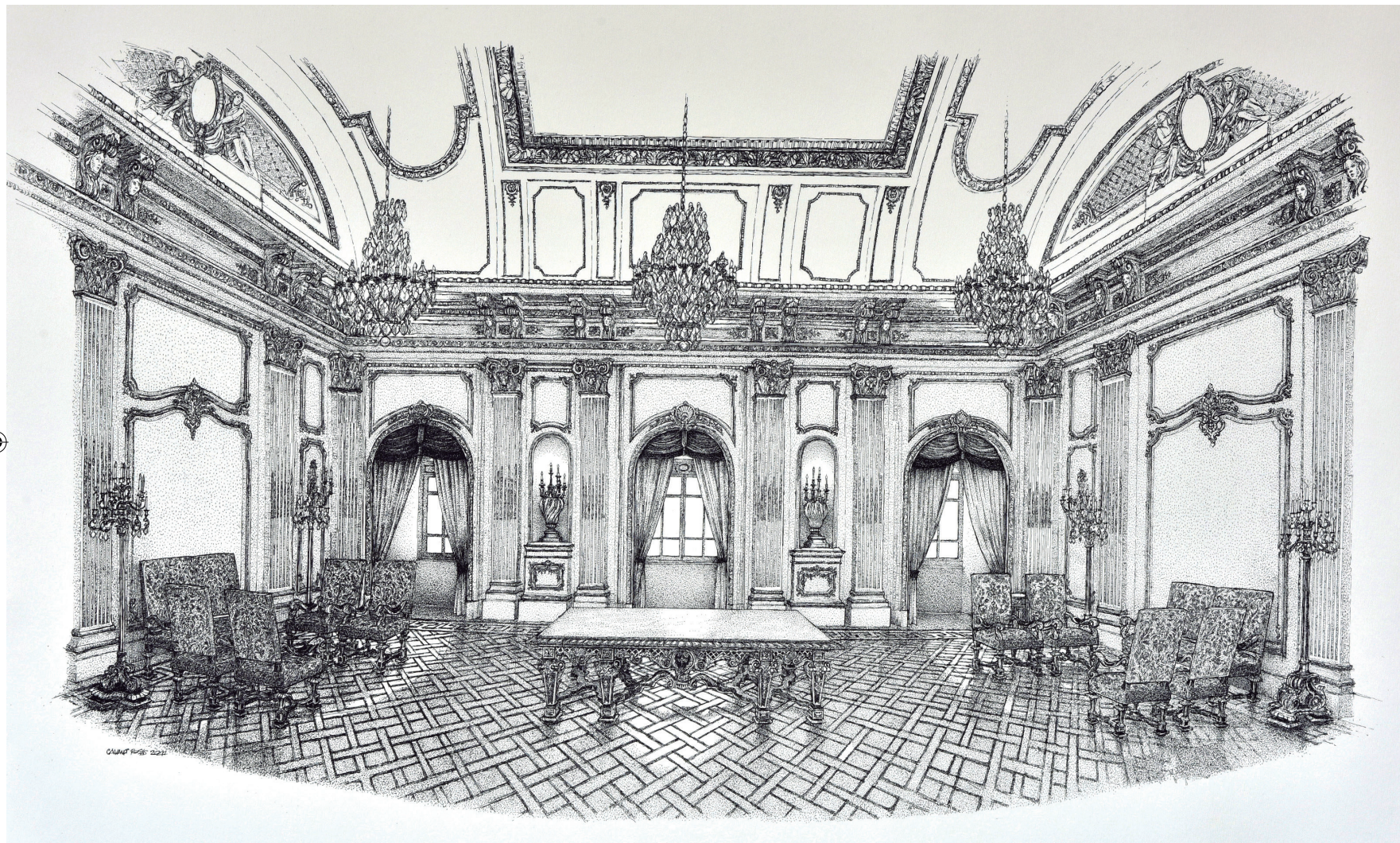
*Gravura da fachada do Palácio da Justiça a partir da Praça da República
Local: Sala da Presidência*

Em 1970, realizou sua primeira mostra individual, na qual abordou temas psicodélicos. Dois anos depois, explorando a temática dos aspectos existenciais da humanidade, expôs seu trabalho na Academia Pernambucana de Letras. Conquistou, nesse mesmo ano de 1972, seu primeiro prêmio. No concurso da Mostra de Arte do Sesquicentenário da Independência, foi

reconhecido pelas ilustrações feitas para alguns jornais do Recife.

Em 1974, foi morar em Campina Grande, na Paraíba, onde permaneceu por dois anos. Voltou a morar no Recife, por um breve período, depois se mudou para o Rio de Janeiro, em 1978. Logo depois, passou a residir em São Paulo por dois anos. Na oportunidade,





*Gravura do Salão Nobre
Local: Sala da Presidência*





trabalhou como ilustrador de livros de cirurgia gástrica; do suplemento de cultura da *Folha de São Paulo*, *O folhetim*, e nos jornais *Versus* e *Leia livros*. Realizou, ainda, exposições na Galeria Vasp e viajou até Curitiba para uma mostra no Museu Guido Viaro.

Decidiu voltar para Pernambuco em 1980 e montou dois ateliês, um em Casa Forte e outro, dedicado apenas às esculturas, na Fundação Casa da Criança.

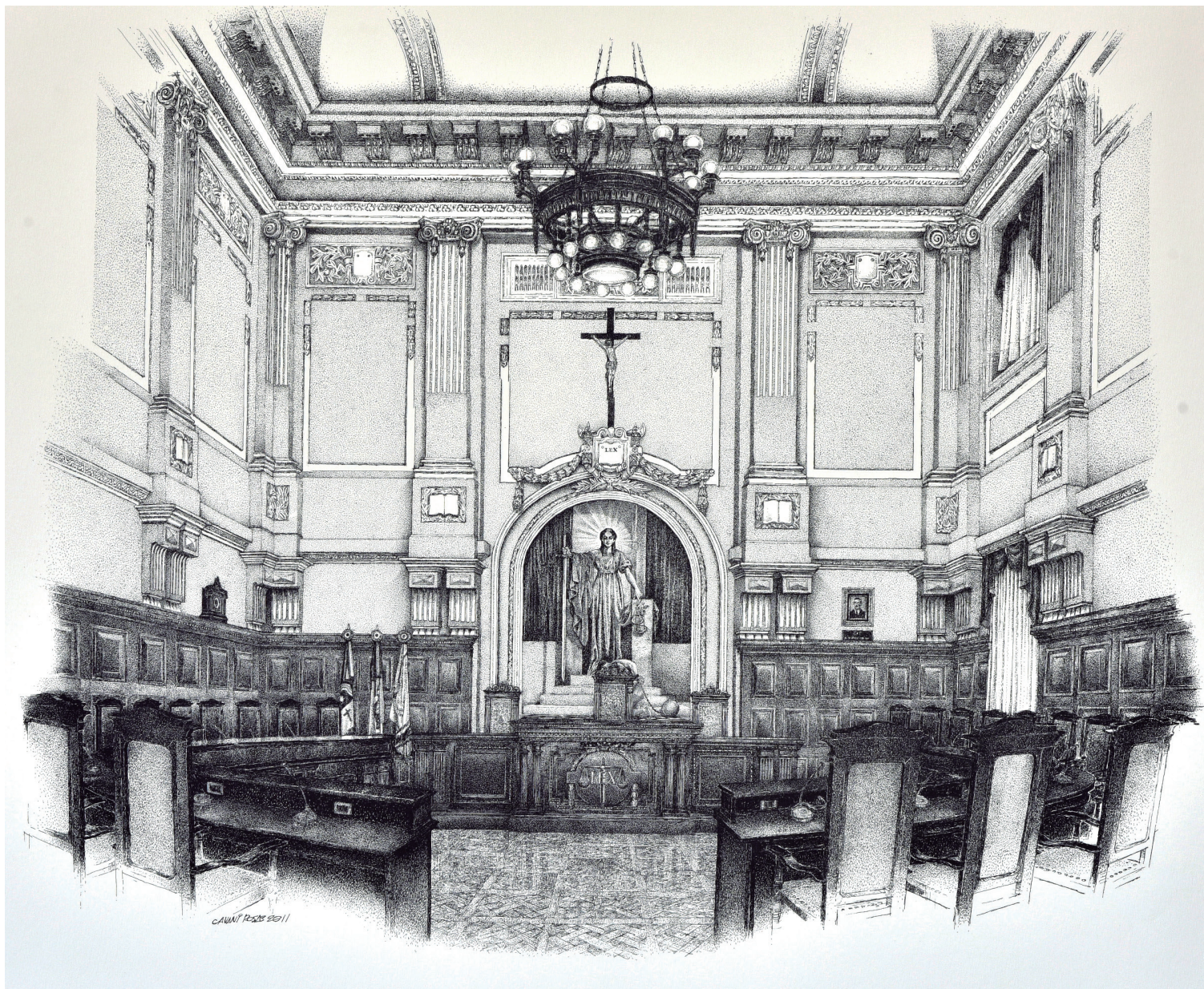
Criou o Atelier Aurora, juntamente com mais cinco artistas. Nessa época, Cavani montou um grande estúdio particular, no tradicional bairro do Poço da Panela, onde ministrava cursos de escultura e desenho. Tomou a frente do movimento social Amigos de Casa Forte, contrário ao desenvolvimento desordenado de construções verticais que ameaçavam o sítio histórico do Poço da Panela, na década de 1980. Naquele bairro, costumava reunir-se com outros escultores para trocar ideias e defender posicionamentos, chegando a fundar um grupo de artistas, em 1985.

Em busca de novas experiências, Cavani mudou-se novamente para São Paulo, em 1986, montando seu ateliê no Morumbi. Ao longo de 15 anos, foi ilustrador para a Universidade de São Paulo, no Instituto de Biociência e no Butantã. Foi colaborador do jornal francês *Le Monde Diplomatique* e da revista *Caros*

amigos. Nessa temporada na capital paulista, participou de várias exposições coletivas e realizou duas mostras individuais. Fez trabalhos também fora de São Paulo, como o monumento com seis peças, em homenagem ao Maracatu Rural, na cidade de Nazaré da Mata, interior de Pernambuco.

Multiartista, Cavani consegue conciliar o desenho de ilustração científica com a iconografia, os quadrinhos, a pintura, a escultura (em cerâmica, concreto, bronze e mármore) e os *storyboards*.

Sua técnica apurada, seja no desenho, na pintura ou na escultura, quase sempre está a serviço da reflexão sobre a situação existencial do ser humano. Na arte, Cavani usa sua visão de mundo, influenciada por diversas religiões e mitologias. Ele vê o homem como um ser incorporado à natureza, ligado espiritualmente a plantas e animais, representando essa convergência entre as espécies ao desenhar características humanas, animais e vegetais numa mesma criatura. Nesses desenhos, ele demonstra grande liberdade criativa e conhecimento sobre anatomia humana e ilustrações científicas. Também costuma fazer homenagens a artistas a exemplo de Leonardo da Vinci, Paul Klee, Wassily Kandinsky, Albrecht Dürer e Maurits Cornelis Escher.



*Gravura da Sala do Tribunal Pleno
Local: Sala da Presidência*





Cavani Rosas defende o desenho a bico de pena como forma válida de registro além da fotografia, como um modo de trazer ao público o uso mais criativo da perspectiva na imagem. Essa técnica exige precisão e paciência que desafia até mesmo os artistas mais experientes. Em Pernambuco, Cavani é um dos poucos a dominar o método.

Em 2012, o artista voltou para Recife e reabriu o ateliê do Poço da Panela, quando, então, passou a realizar trabalhos com iconografia. Executou desenhos em bico de pena para o Palácio do Governo e para o Palácio da Justiça, bem como produziu quatorze esculturas, de 2,30 m de altura, para o Instituto Ricardo Brennand. Em 2015, assinou o Troféu Cristina Tavares, o mais importante prêmio de jornalismo de Pernambuco.

Em 2016, transferiu seu ateliê para Aldeia, no município de Camaragibe, passando a atuar, também, na produção de três curtas-metragens: *Deixem Diana em paz*, *O ex-mágico* e *Sob a pele*. Cavani abriu outro estúdio no bairro do Parnamirim, no Recife, onde também dá aulas de desenho. Além de ensinar, Cavani viaja pelo país proferindo palestras sobre o assunto e sempre realiza exposições para mostrar seus novos trabalhos. Ministrou o Curso de Desenho e Consciência

Espacial na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no bairro carioca do Jardim Botânico.

Preocupado com a preservação de sítios históricos e suas edificações, o artista vem desenvolvendo trabalhos com desenho em bico de pena desses prédios em Recife, Olinda, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para o Tribunal de Justiça de Pernambuco, Cavani criou três desenhos em bico de pena, nos quais estão detalhados parte da fachada, o Salão Nobre e o Salão do Pleno do Palácio da Justiça. No entorno da ilustração, também é possível ver o Palácio do Governo, o Teatro Santa Isabel e o prédio do Liceu de Artes e Ofícios. As obras encontram-se no Gabinete da Presidência.

Com este capítulo, o Tribunal de Justiça presta uma homenagem a Ricardo Cavani Rosas, que orgulha o Estado de Pernambuco pela sua versatilidade e genialidade artística.

SALETE AMARAL

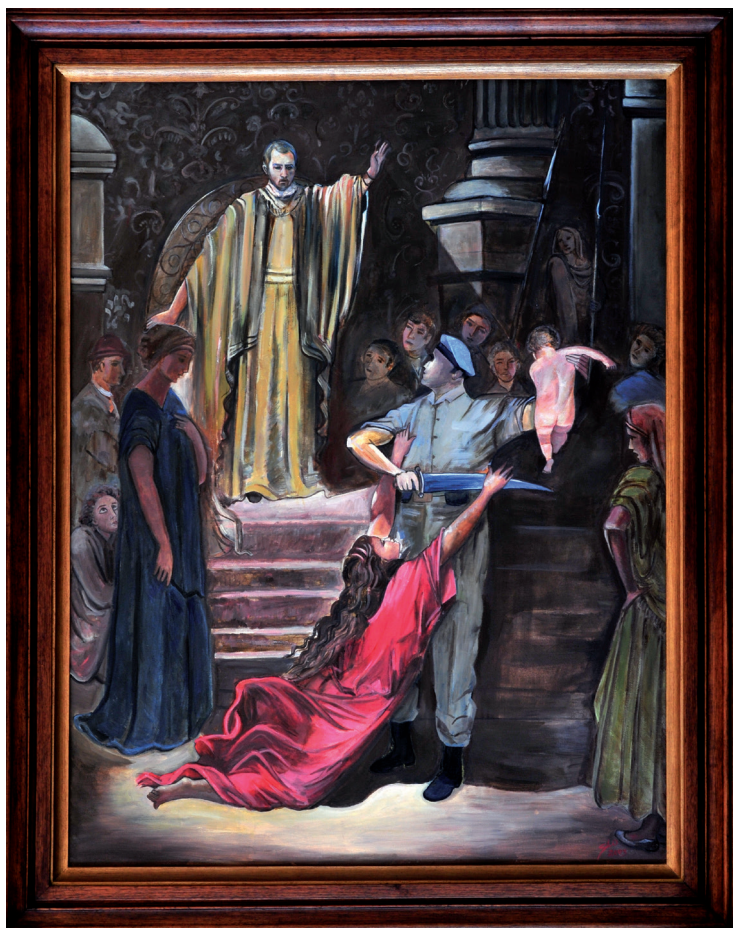
A tela da artista Maria Salete Amaral de Oliveira enaltece o ambiente do Gabinete da Presidência do Tribunal de Justiça, com a obra intitulada *O julgamento de Salomão*, criada em janeiro de 2003.

Nascida em Bom Conselho, Pernambuco, no dia 27 de setembro de 1934, filha de Expedito Monteiro do Amaral e Iracilda Rodrigues Monteiro do Amaral, é desenhista, pintora e professora. Salete foi casada com o desembargador José Napoleão de Oliveira, com quem teve quatro filhos, Adriana, Fábria, Márcia e José Napoleão Filho.

Recebeu influência dos artistas Pierre Chalita, Eliezer Xavier, Baldini, Queralt Orat, Wandekson, Jaques Weyne e Notari, cujos ateliês Salete frequentava.

Na Europa, teve oportunidade de familiarizar-se com as obras do Museu do Louvre, na França, e do Museu do Prado, na Espanha, entre outros. No Brasil, expôs suas obras em diversos certames de arte, inclusive no Salão do Estado de Pernambuco. Participou como selecionadora no Museu de Arte Sacra e Salão Telebrás e integrou o Grupo Galeria Cezanne, do qual foi uma das fundadoras.

Seus trabalhos são encontrados em várias coleções de arte do País e do exterior. Em 1987, a artista foi cadastrada no Catálogo Pernambuco de Arte. Entre os prêmios recebidos, uma medalha no Grande Salão Acadêmico Cosep 91, em São Paulo. Participou, ainda, de várias exposições coletivas no Recife e em outras cidades do Brasil.



Pintura O julgamento de Salomão
Local: Gabinete da Presidência do TJPE

A artista faz uma pintura de caráter puramente social, usando a técnica da tinta a óleo sobre tela e outros suportes. Salete Amaral, como assina suas obras, em seu quadro *Julgamento de Salomão*, instalado na sala da Presidência do Tribunal de Justiça de Pernambuco, traz a cena bíblica do julgamento proferido pelo Rei Salomão, em que duas mulheres disputavam a maternidade de uma

criança e o julgador ameaça dividir o menino ao meio, para que ambas recebessem partes iguais. No primeiro plano da tela, uma mulher vestida de vermelho arrastava-se aos pés de um soldado, que segura na mão direita uma faca e na esquerda, uma criança. Outra mulher, vestindo túnica azul e com a mão esquerda sobre o peito, observa a iminente tragédia passivamente. No segundo plano, Salomão, com vestimenta amarela, levanta o braço esquerdo em sinal de autoridade.

Em agradecimento, o Tribunal de Justiça de Pernambuco presta, agora, uma merecida homenagem à pintora que enalteceu imensamente sua coleção artística.

O pintor carioca, Sylvio Pinto, foi um dos mais populares e expressivos modernistas que buscou no mar sua grande inspiração artística. Entendia que o mar não era só campo de reflexão e solidão, mas, principalmente, fonte de trabalho, lazer e enigma. Ele dizia que o seu nome Pinto é o indicativo do presente do verbo pintar, única atividade profissional que abraçou na vida.

Sylvio Pinto da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 17 de março de 1918, filho do pintor Bernardo Pinto da Silva, que dividia ateliê com Garcia Bento, considerado um dos melhores marinhistas do país, iniciando daí a tendência do artista por esse tema.

Teve suas primeiras lições de pintura com o pai, numa oficina de propaganda, e no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, onde estudou em 1936. A chegada convivência com José Pancetti, José Rescala, Armando Vianna, Manoel Santiago, Bustamante Sá, Milton da Costa, Quirino Campofiorito, Edson Mota, entre outros, foi de fundamental importância para a sua formação artística.

Os laços de amizade com Pancetti se estreitaram com o gosto comum pelo mar e juntos montaram um estúdio em Copacabana. O jornalista Carlos Heitor Cony, comentando a semelhança de estilos dos dois amigos renomados como marinhistas, disse que Pinto e Pancetti viam o mar do mesmo jeito, mas Pinto o sentia de forma



*Pintura Barcos no porto
Local: Antessala da Presidência do TJPE*





diferenciada, “suas praias têm gente, suas baías têm navios e não apenas barcos, como nas de Pancetti”. Cony afirmou, ainda, que muitas vezes os quadros dos amigos pareciam gêmeos, em razão do colorido e da tonalidade utilizada.

Sylvio Pinto foi um dos integrantes do Núcleo Bernardelli, um grupo de pintores modernistas voltado para o ensino oficial da Escola Nacional de Belas Artes, com ênfase na liberdade de expressão. O movimento surgiu no Rio de Janeiro, à época a Capital da República, em 12 de junho de 1931.

Com o seu trabalho, da década de 1950, *Descida da cruz*, inspirado em obras de Rubens, Rembrandt e Tiepolo, o pintor fugiu dos costumeiros temas populares e deixou suas marcas na arte clássica.

O paisagista e marinista também preparou cenários para peças teatrais e alegorias de escolas de samba no carnaval carioca, em 1939. Foi, ainda, professor, tendo fundado e dirigido uma escolinha de arte, onde exercia o ministério sem nada cobrar, incentivando as crianças carentes do Jacarezinho, em 1940.

Sylvio expôs individualmente no Brasil e no exterior. O artista participou da I Bienal de São Paulo, em 1951; da mostra 100 Obras Itaú, no Museu de Arte de São Paulo, em 1985; e o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, mostrou a evolução da trajetória de sua vida de pintor, no ano de 1993.

Com a importância de sua arte reconhecida pela

crítica, passou a ser premiado nas mostras das quais participava. Entre estes, uma viagem à Europa, no Salão Nacional de Belas Artes, em 1952; a Medalha Pedro Ernesto, conferida em 1988, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro; a Medalha de Honra ao Mérito da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 1989; a Medalha de Honra ao Mérito da Cultura de Portugal, em 1991, em Constância, e a Medalha de Honra ao Mérito da Cultura de Brasília, em 1993.

Com o prêmio recebido no Salão Nacional de Belas Artes, viajou por Lisboa (1953-1954), seguindo para Madri e Sevilha e depois para Paris, onde fixou residência temporária e produziu suas melhores paisagens urbanas. Em 1977, expôs nos Estados Unidos, e, depois, em 1981, voltou para residir por alguns anos, em Ellenville-NY, onde montou um ateliê.

O renomado crítico de arte Walmir Ayala teceu o seguinte comentário sobre a arte de Sylvio Pinto:

[...] viveu todas as trepidações contemporâneas, mas não quis fazer da pintura uma bandeira de protesto ou de crítica. Preocupou-se sempre em pintar, e sua pintura tem aquele toque pulsante do coração que se confunde com a mão e o pincel, na resolução de um rastro pictórico. Os quadros de Sylvio Pinto, no máximo, refletiram estados emotivos. Foram sombrios nos tempos sombrios, depois mais luminosos. Consentiram





em certas influências que o tempo se encarregará de filtrar. E finalmente chegarão a montar o mostruário mínimo e essencial, que faz a glória de qualquer pintor.¹

S.Pinto, como assinava suas obras, procurou retratar a alma fluminense, as marinas e o povo carioca, como o fez no quadro em óleo sobre tela, denominado *Barcos no porto*, de 1986, que integra o acervo museológico do Tribunal de Justiça de Pernambuco.

O pintor morava no bairro do Leme, no Rio de Janeiro, quando faleceu em 3 de abril de 1997. Deixou eternizada a sua existência através da arte que tão bem exprimiu o seu modo de ver o mundo e, também, na pessoa do seu filho, Ubirajara Pinto, que herdou do pai o talento e dedicou-se à atividade até a morte. Em 2005, Ubirajara, em parceria com Paulo Alonso fez uma homenagem ao seu pai com o livro *Sylvio Pinto: meu pai, meu amigo*.

O Tribunal de Justiça o reverencia, dedicando este capítulo ao pintor apaixonado pelo mar. Esse fascínio foi registrado inclusive na sua obra *Barcos no porto*, que se encontra na antessala da Presidência do Tribunal.

¹ AYALA, Walmir (coord.) **Dicionário brasileiro de artistas plásticos**. vol. 3. Brasília: Instituto Nacional do Livro - MEC, 1977. p. 419.



TÂNIA CARNEIRO LEÃO

Moradora de Olinda, apaixonada por antiguidades, a pintora e escritora Tânia Carneiro Leão transita por suas paixões dando poesia aos seus quadros, ou imagens às suas poesias. É nome indissociável de coletivas que reúnem importantes artistas plásticos no Recife e em Olinda. Dona de um estilo inconfundível, com quadros que parecem ter ganhado tonalidades do tempo e remetem às antiguidades de que ela tanto gosta, mas com um traço moderno e arrojado.

Pernambucana de Recife, Maria Tânia Carneiro Leão nasceu em 18 de abril de 1937, filha de Otilia Tavares Barbosa e Eufrásio Barbosa, ex-prefeito de Olinda. Criada nessa cidade, viveu em ambiente cercado por jornalistas, historiadores, artistas plásticos, escritores e poetas, como Mauro Motta, Ascenso Ferreira e Gilberto Freyre, amigos do seu pai. Seu tio materno, o jornalista Odorico Tavares, um dos grandes colecionadores de arte do Brasil e responsável pelo surgimento de grandes artistas nacionais, foi sua mais próxima influência artística.

Muito jovem, Tânia casou-se com o poeta Carlos Pena Filho, tido como dos maiores sonetistas em língua portuguesa. Da união, nasceu a filha Clara. Com a morte do poeta, em 1960, casou-se com o engenheiro André Carneiro Leão e teve outro filho, Rodrigo.

Elegante, de gosto requintado, ela sempre levou a beleza consigo. Com o tempo, viu-se envolvida com o universo dos antiquários, que aflorou sua sensibilidade para as artes. Aprofundou-se no conhecimento de minúcias de peças de mobiliários, pinturas, relíquias. Quando o filho, Rodrigo, abriu um restaurante, ficou



Detalhe da Pintura Vila D'Olinda
Local: Sala da Presidência

sob sua responsabilidade a decoração dos salões. A necessidade de uma atmosfera criativa e inusitada a fez deparar-se com a vontade de pintar.

O primeiro trabalho resultou num mapa da cidade de Olinda. Daí em diante, ela não parou mais. Aperfeiçoou-se na técnica de acrílico sobre tela e escolheu como tema mais recorrente a natureza: flores, frutos, animais que nela existem, inspirando-se em vários nomes das artes, entre os quais, Matisse.

Sua presença passou a fazer parte de mostras de arte no Recife e em Olinda e, em 1987, estava entre os selecionados para o Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco, realizado pelo Museu do Estado. Depois, rompeu fronteiras pernambucanas e participou de exposições coletivas em outros Estados do país e em Portugal. Tem quadros em coleções particulares no Brasil, Estados Unidos, França e Suíça. Dez de suas telas integram o acervo do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC).

No Tribunal de Justiça de Pernambuco, duas obras de Tânia ocupam as paredes do Gabinete da Presidência. Ambas datam de 1988 e são compostas de tinta acrílica sobre madeira.

A primeira, intitulada *Mauritsstad*, reproduz um mapa do Recife no período do Domínio Holandês (1630/1654). Mauristaad significa Cidade Maurícia, como foi batizado, na época, o que é, hoje, o Bairro de Santo Antônio, local do surgimento do Recife. O trabalho destaca o Forte das Cinco Pontas e o Palácio de Friburgo, onde despachava Maurício de Nassau.

A segunda pintura, *Vila D'Olinda*, remete ao mapa de Olinda, com o Alto da Sé, à direita; a Praça do Carmo, ao centro, e o bairro do Varadouro e a Igreja Nossa Senhora do Carmo, à esquerda. Também faz referência a Filipe Camarão, André Vidal de Negreiros e Henrique Dias, heróis da Restauração Pernambucana ante o Domínio Holandês. Por fim, há a figura de um pergaminho com um poema de Carlos Pena Filho.

Além de artista plástica, Tânia é escritora. Começou no segundo ofício em 2007, com o livro *Poemas de pé quebrado*, com o qual chegou a disputar o Prêmio Jabuti em 2012. Escreveu também *Brinquedos improcedentes*, *Comer rezando* e *Cara de paisagem*, lançados em 2013.

A artista recebe agora esta homenagem que o Tribunal de Justiça lhe faz demonstrando agradecimento pela rica contribuição que suas obras imprimem aos seus ambientes.



*Pintura Mauritsstad
Local: Sala da Presidência*



Pintura Vila D'Olinda
Local: Sala da Presidência

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Bruno. Marianne Peretti: grandeza, leveza e transparências. In: **Pernambuco modernista - Especial JC Online**. JORNAL DO COMMERCCIO ONLINE, Recife, mar. 2017. Disponível em: <<http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/pernambuco-modernista/marianni.php>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

AYALA, Walmir (coord.) **Dicionário brasileiro de artistas plásticos**. vol. 3. Brasília: Instituto Nacional do Livro - MEC, 1977.

BARBOSA, Virgínia. **Murillo La Greca**. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

BRENNAND, Francisco. **Testamento I: o oráculo contrariado**. Recife: Bagaço, 2005. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fWCZHQ2hKEMJ:www.brennand.com.br/files/Oraculo.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

BRENNAND, Francisco; Weydson Barros Leal. **A justiça se faz**. Recife: Multimídia, [2006].

CLÁUDIO, José. **Memórias do Atelier Coletivo; Artistas de Pernambuco; Tratos da Arte de Pernambuco**. 2. ed. revista. Recife, Cepe, 2016. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Pdx2DQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=daltro&f=false>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Heinrich Moser: pintor e ilustrador alemão**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/heinrich_moser/>. Acesso em: 16 nov. 17.



FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. **Personalidade histórica:** Giacomino Palumbo. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000108424.PDF>. Acesso em: 20 dez. 2017.

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA. Resumo biográfico de Marianne Peretti. In: _____. **Integração das artes.** São Paulo: Memorial da América Latina, 1990. Disponível em: <<http://www.memorial.org.br/acervo/obras-de-arte/america-latina-2/biografia-marianne-peretti/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO. Artes gráficas pernambucanas de Heinrich Moser no início do século XX. Disponível em: <www.artemoser.com>. Acesso em: 8 nov. 2017.

LÚCIO, Fernando. **Acervo Escola de Belas Artes de Pernambuco 1932-2006.** Recife, UFPE, 2006.

LÚCIO, Fernando. **Um grande mestre da escultura.** Disponível em: <http://bibianosilva.org/bibiano_pt/um-grande-mestre-da-escultura>. Acesso em: 18 nov. 2017.

MENEZES, José Luiz Mota; REINAUX, Marcílio. **O Palácio da Justiça.** Recife: Liceu, 1997.

PEREIRA, Marcelo. Brasília nas cores e formas de Marianne Peretti. **JORNAL DO COMMERCI ONLINE**, Recife, 26 jun. 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2016/06/26/brasil-nas-cores-e-nas-formas-de-marianne-peretti-241675.php>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

PEREIRA, Nathália. Projeto do IFPE está digitalizando

as obras gráficas de Heinrich Moser. **JORNAL DO COMMERCI ONLINE**, Recife, 9 out. 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-plasticas/noticia/2016/10/09/projeto-do-ifpe-esta-digitalizando-as-obras-graficas-de-heinrich-moser-255944.php>>. Acesso em: 8 nov. 17.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Museu Murillo La Greca.** Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/museu-murillo-la-greca?op=MTMy>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

RODRIGUES, Nise de Souza. **O grupo dos independentes:** arte moderna no Recife – 1930. Recife: Editora da Aurora, 2008.

SALÃO Nacional de Belas Artes (75.: 1970 : Rio de Janeiro, RJ). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento244102/salao-nacional-de-belas-artes-75-1970-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 19 de dez. 2017.

TORRES, Niedja Ferreira dos Santos. **O ensino do desenho na Escola de Belas Artes de Pernambuco: 1932 a 1946.** 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pernambuco em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16272?show=full>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO. **A Justiça de Pernambuco e seu palácio:** inventário do acervo museológico dos bens móveis. Recife: Tribunal de Justiça de Pernambuco, 2017.





Fotos

Assis Lima - Ascom/TJPE

Projeto Gráfico e Diagramação

Marcos Costa - Ascom/TJPE

